



FACULDADES MAGSUL

BRUNA FIGUEIREDO DA SILVA

**A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE
CASO NA REDE MUNICIPAL DE PONTA PORÃ-MS**

Ponta Porã- MS

2018

BRUNA FIGUEIREDO DA SILVA

**A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE
CASO NA REDE MUNICIPAL DE PONTA PORÃ-MS**

Trabalho de Conclusão Curso - TCC apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, apresentado à Banca Examinadora das Faculdades Magsul.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Gabriel Chaves Maia.

Ponta Porã- MS

2018

BRUNA FIGUEIREDO DA SILVA

**A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE
CASO NA REDE MUNICIPAL DE PONTA PORÃ-MS**

Trabalho de Conclusão apresentado à Banca Examinadora das
Faculdades Magsul de Ponta Porã-MS, como exigência parcial para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Sebastião Gabriel Chaves Maia
Faculdades Magsul de Ponta Porã

Componente da Banca

Profa. Esp. Tathiane Arevalo Afonso
Faculdades Magsul de Ponta Porã

Ponta Porã- MS 08 de Dezembro de 2018.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, a todos que contribuíram e sempre me fortaleceram com palavras de apoio e motivação e, em especial, a minha mãe Fermina Figueiredo da Silva, minha tia Maria Aparecida Matos, meu marido Vitor Thiago Ratier Vilanova e meu irmão Rafael Figueiredo da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me dar forças para concluir este trabalho, estando sempre presente em minha alma, me guiando, para dar continuidade aos meus sonhos e desejos. A minha família e amigos, pela confiança, motivação e apoio.

A todos os professores por fazerem parte desta caminhada e partilharem seus conhecimentos de forma construtiva para minha formação.

Meu eterno agradecimento ao professor Dr. Sebastião Gabriel Chaves Maia que me orientou. Um excelente educador que me propiciou novos saberes deu apoio incondicional, com carinho, compreensão, paciência, dentre outras virtudes.

À professora Tathiane Arevalo Afonso pela atenção, pelos seus ensinamentos teóricos e práticos, por sua bondade em sempre querer ajudar ao próximo e pela mulher incrível que é. Fico muito agradecida por ler e avaliar este trabalho.

“[...] que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la.”

(Paulo Freire, 1996).

SILVA, Bruna F. **A afetividade como instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental:** um estudo de caso na rede Municipal de Ponta Porã- MS, 54 páginas. Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia – Faculdades Magsul de Ponta Porã - MS, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de estudos desenvolvidos para a elaboração de um trabalho de conclusão de curso em Pedagogia. A partir do tema afetividade surgiu à questão: qual a contribuição da relação de afeto entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem? A escolha desta pergunta deu-se pelo fato da pesquisadora querer vivenciar a partir da relação professor/aluno se a mesma ocorria de fato e de que maneira acontecia baseada nas práticas pedagógicas adotadas pelo docente. O objetivo geral foi conhecer a contribuição da afetividade no processo de ensino aprendizagem entre professor e aluno em uma escola pública Municipal. Os objetivos específicos procuraram perceber se a relação de afeto entre professor e aluno interfere na disciplina e organização da sala, conhecer as práticas pedagógicas adotadas pelo professor que caracterizam a relação de afeto na aprendizagem e analisar o comportamento do aluno diante do professor em sala de aula. O referencial teórico deste estudo foi construído a partir de autores que trataram sobre o referido tema, tendo como principal Paulo Freire (1996) que enfatiza em sua obra as práticas de ensino para o professor. Para elaboração deste trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa baseada por um estudo de caso, seguida da análise dos dados e descrição dos resultados alcançados. Por meio dos resultados gerados nesse estudo, observa-se que a afetividade é considerada a energia que move as ações humanas e é utilizada por meio das vivências dos indivíduos e nas formas de expressão mais complexas, no qual a relação de afeto entre professor/aluno e as práticas pedagógicas utilizadas pela docente dentro de sala de aula são importantes para a contribuição do ensino-aprendizagem transparecendo entre ambos segurança, conforto, confiança e paciência. Conclui-se que os objetivos pretendidos desta pesquisa foram alcançados e novos estudos podem ser levantados a partir dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Contextos escolares. Práticas pedagógicas. Humanização da ciência. Afetividade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Desenho 1 – Representação do ambiente sala de aula e os alunos | 37 |
| Desenho 2 – Representação das letras | 37 |
| Desenho 3 – Representação dos números | 37 |
| Desenho 4 – Ilustração central | 38 |
| Desenho 5 – Representação da régua..... | 39 |
| Desenho 6 – Características da professora..... | 40 |
| Desenho 7 – Gênero da Docente..... | 40 |

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Ambiente escolar | 27 |
| Gráfico 2 – Ambiente escolar | 28 |
| Gráfico 3 – Relação com a professora..... | 29 |
| Gráfico 4 – Contribuição na aprendizagem | 30 |
| Gráfico 5 – Apreço pela professora..... | 31 |
| Gráfico 6 – Tristura pela professora | 32 |
| Gráfico 7 – Demonstração de carinho pela professora..... | 33 |
| Gráfico 8 – Demonstração de carinho da professora para o aluno | 34 |
| Gráfico 9 – Contagem de signos..... | 36 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 13 |
| 1. 1 Contextos Escolares e Práticas Pedagógicas | 13 |
| 1. 2 Humanização da Ciência e a Afetividade..... | 20 |
| 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 24 |
| 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 27 |
| 3. 1 Questionários de entrevistas dos alunos | 27 |
| 3. 1. 2 Desenhos | 35 |
| 3. 1. 3 Questionário de entrevista Professora | 41 |
| 3. 1. 4 Observação em sala de aula | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| REFERÊNCIAS | 49 |
| APÊNDICE | 52 |
| APÊNDICE A | 53 |
| Questionário de entrevistas alunos | 53 |
| APÊNDICE B..... | 54 |
| Questionário de entrevista Professor | 54 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura conhecer e descrever as práticas pedagógicas adotadas pelo professor, que caracterizam a relação de afeto como instrumento facilitador do ensino e o relacionamento professor e aluno no momento da aprendizagem. Desta forma, são buscadas respostas sobre o interesse de pedagogos que têm como princípio básico a afetividade em sua relação educacional.

Falar em afetividade é acreditar em uma educação construída a partir do respeito, compreensão, identidade e autonomia com a pretensão de formar cidadãos honestos e autônomos, capazes de pensar por si próprio, sem deixar de lado o outro. De acordo com o dicionário, Ferreira (2010), a palavra “afetividade” está definida como “qualidade ou caráter de afetivo” e está relacionada a diversos traços relativos que uma pessoa pode demonstrar diante de diferentes situações.

Para Libâneo (1994), o aspecto de trocas de conhecimentos e a própria relação pessoal entre professor e aluno devem estar baseadas na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o estudante para seu crescimento interno, fortalecendo, assim, suas bases morais e críticas. Contudo, podemos dizer que a afetividade é um estado de afinidade profunda entre os sujeitos e que a interação afetiva de cada sujeito intensifica sua relação consigo mesmo, observa os próprios limites e, ao mesmo tempo, aprende a respeitar os limites do outro.

O presente estudo auxilia responder à pergunta condutora do curso de Pedagogia das Faculdades Magsul, demonstrando que uma boa relação entre professor e aluno contribui de uma forma mais adequada para o aprendizado e proporciona uma qualidade de vida melhor porque o aluno vai sentir vontade e alegria ao ir para a escola, proporcionando melhor desenvolvimento no ensino. Com a relação de afeto, o professor terá mais facilidade de se aproximar do estudante, de aplicar o conteúdo; o fluxo de ensino para o aluno facilitará bastante porque ele confiará em seu professor e a facilidade em querer aprender será melhor.

A proximidade afetiva é importante porque é por meio dela que se dá a interação e a construção de um conhecimento motivador para a criança, sendo esse um instrumento que auxilia na prática educativa do pedagogo para melhoria na vida do aluno.

A pesquisa foi realizada no município de Ponta Porã-MS no ano de 2018, em uma escola da rede Municipal. Obtive assim ter conhecimento e entendimento sobre o assunto. A

pergunta que norteou o estudo foi: Qual a contribuição da relação de afeto entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem?

Neste sentido, de acordo com a hipótese, a relação de afeto entre professor e aluno contribui para a construção e o desenvolvimento social, intelectual e cognitivo da pessoa, com base em uma educação para a humanização e a presença do pensar e agir a partir de princípios éticos responsáveis e princípios políticos, contribuindo para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa para sua vida.

Por essa razão, o presente trabalho tem como objetivo geral conhecer a contribuição da afetividade no processo de ensino aprendizagem entre professor e aluno em uma escola pública Municipal. Os objetivos específicos buscam analisar se a relação de afeto entre professor e aluno interfere na disciplina e organização da sala, conhecer as práticas pedagógicas adotadas pelo professor que caracterizam a relação de afeto na aprendizagem e analisar o comportamento do aluno diante do professor em sala de aula.

Será possível encontrar, na primeira parte deste trabalho, uma introdução acerca do assunto abordado, conceituando o mesmo, bem como alguns conhecimentos teóricos de autores que discutem a temática.

Na segunda parte, será abordado o referencial teórico com um levantamento sobre contextos escolares e práticas pedagógicas e humanização da ciência e a afetividade. Na terceira parte, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a condução da pesquisa.

Na quarta parte serão apresentados os resultados e discussões, finalizados com as considerações.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 CONTEXTOS ESCOLARES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para dar início aos estudos referentes aos contextos escolares e as práticas pedagógicas, historicamente, a formação dos professores esteve orientada pelas práticas repetitivas e excludentes, características de uma escola dita tradicional; um modelo de escola que perdura há muito tempo, cujas marcas podem ser vistas nas carteiras umas atrás das outras e na transmissão de práticas esvaziadas do contexto do aluno (SCHEUNEMANN; CORDEIRO, 2013).

De acordo com Behrens (2011, p.41), O compromisso social da escola é a reprodução da cultura. Caracterizada pela disciplina rígida, a instituição escolar tem o objetivo de ser agência sistematizadora de uma cultura complexa e funciona como local de apropriação do conhecimento por meio da transmissão de conteúdos e confrontação com modelos e demonstrações (apud SCHEUNEMANN; CORDEIRO, 2013).

O professor, responsável direto neste cenário da escola, parece haver adicionado o modelo tradicional na sua ação, segundo Mota (2011, p.76) “[...] na prática tradicional, o professor, por haver construído conhecimentos sobre ela, sente uma segurança no direcionamento do trabalho, organizado dentro da lógica do controle de aprendizagem dos alunos”. (apud SCHEUNEMANN; CORDEIRO, 2013). Talvez essa confiança se dê, também, como resultado de uma formação inadequada ou como decorrência da falta de espaço, dentro da escola, para discussão, estudo e reflexão sobre a prática alfabetizadora.

Apesar dos diversos estudos e críticas ao modelo tradicional, é fundamental analisar o processo de formação hoje dos profissionais. É um dos grandes desafios a serem enfrentados na formação de professores, segundo Araújo; Yoshida:

[...] é acabar com a ideia de um modelo único de ensino. Portanto, pode-se afirmar que nada está pronto, que este é um momento no processo de redefinição da profissão e da compreensão da prática. E para estarem definição, é necessário estarem atentas às mudanças que estão sendo exigidas do profissional da educação, estar aberto aos conhecimentos que se produz nesta área e que é fundamental para o fortalecimento da profissão e para a própria sobrevivência do educador, existe a necessidade de inovar e criar novas estratégias de aprendizagem sempre (2009, p.1).

Para Araújo; Yoshida, a educação está num processo constante de mudanças que tentam acompanhar o ritmo do novo milênio (2009, p.2). Neste sentido, o educador vem desempenhando um papel imprescindível no processo de transformação social, pois a

formação de sua identidade ultrapassa o profissional, constituindo fundamentalmente a sua atenção profissional na prática social.

Com a chegada das tecnologias de informação e comunicação, o educando todos os dias têm acesso a notícias em tempo real, sejam na Internet ou na TV e, por isso, “a escola precisa estar atenta e acompanhar estes novos acontecimentos, com a finalidade de contextualizar a realidade da escola com a realidade vivenciada pelos educandos, tornando a educação mais próxima e condizente com o seu dia-a-dia” (ARAÚJO; YOSHIDA, 2009, p.2). Diante disso, é possível concluir que a escola:

Precisa rever suas ações e o seu papel no aperfeiçoamento da sua prática educativa, sendo necessária uma análise sobre seus conceitos didático-metodológicos, na busca de uma adequação pedagógica ao atual momento, buscando assim, a sua função transformadora e idealizadora de conhecimentos pautando o resultado de suas ações em saber concreto. Sabemos que as dificuldades da escola são muitas desde a parte física, prédio e material didático e material permanente, quanto profissionais preparados para as novas metodologias (ARAÚJO; YOSHIDA, 2009, p.2).

Gadotti (2000) afirma que neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, os novos modelos teóricos não apresentam ainda a consistência global fundamental para indicar escolhas realmente seguras numa época de profundas e rápidas transformações (apud ARAÚJO; YOSHIDA, 2009, p.2).

A formação dos educadores está baseada no cidadão com conhecimento e qualificação na capacidade de decidir, motivando novos conhecimentos para a teoria e prática de ensinar, posto que uma formação de qualidade seja aquela que auxilia para o desenvolvimento das potencialidades e formação da pessoa, preparado para o mercado de trabalho. Assim:

O educador do séc. XXI deve ser um profissional da educação que elabora com criatividade os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade, tendo o mesmo que centrar-se numa prática pedagógica de êxito, com uma aprendizagem satisfatória e significativa, pois as constantes mudanças ocorridas na sociedade exigem uma nova postura do professor, bem como um repensar crítico sobre a educação. Portanto, torna-se necessário buscar novos caminhos, novos projetos, emergentes das necessidades e interesses dos principais responsáveis pela educação, é necessário transformar a realidade escolar, utilizando novos recursos para aprimorar e motivar a busca do conhecimento (ARAÚJO; YOSHIDA, 2009, p. 03).

Quando pensamos em práticas pedagógicas, logo nos lembramos do professor, que “[...] exerce um papel significativo ao educar para a afetividade contribuindo em direção ao crescimento de outras pessoas, em especial seus alunos.” (MENGER 2010; p.26). E com essa

contribuição o aluno se sentira mais à vontade em participar das aulas, melhorando assim seu rendimento.

Segundo Fazenda, “na educação, a afetividade desvela-se como um atributo de uma prática interdisciplinar que se manifesta por meio do diálogo [...] pelo movimento das cores que revestem as relações e as interações destes no ato educativo” (2001, p.88).

Neste sentido, esta prática interdisciplinar envolve o professor e o aluno porque ambos vão se interagir promovendo a confiança e diálogo entre docente e discente para terem liberdade em trabalhar qualquer conteúdo e outras disciplinas com interação para colaborar no processo de ensino.

Em seus estudos Menger diz que elaborar um:

Planejamento interdisciplinar, que os alunos e alunas interagem em diversas situações, auxiliando para a formação integral de qualidade. Possibilitar a esses alunos e alunas desenvolver, com autonomia, suas habilidades e potencialidades, com exercícios de análise e reflexão, exercendo suas funções de agente integrante e transformador da sociedade considerando todos os aspectos, os sociais, psicoafetivos, emocionais e cognitivos de maneira interligada (2010, p.28).

Com isso podemos perceber que os sentimentos, os movimentos e a educação têm uma prática interdisciplinar ligando todos os aspectos de uma pessoa.

De acordo com Ranghetti (2001), “Na ação de educar a afetividade é o pigmento que regula a intensidade e a profundidade das ações dos sujeitos no processo educativo. Ela dá o brilho à relação pedagógica, desencadeando o convívio da razão com a emoção [...]” (apud FAZENDA, 2001, p.89).

Contudo, a partir da citação acima, a afetividade manifesta intensidade na aprendizagem porque os alunos expressam prazer quando conseguem apresentar uma atividade, como também expressam tristeza ou desânimo quando apresentam dificuldade. Promovendo qualquer espécie de sentimento neste processo de ensino colaborando para seu desenvolvimento.

A afetividade presente na prática de um professor abre caminhos para o aluno, transmite respeito, segurança, motivação e faz com que o profissional consiga resolver problemas e ministrar suas aulas com a confiança dos alunos.

Neste sentido, segundo Freire (1996, p.43) quanto maior a segurança que o professor tem em seus conhecimentos, mais facilidade terá em tomar decisões para resolver problemas disciplinares em sala de aula, debater as relações com outras pessoas, as responsabilidades de cada um, os princípios e sentidos que dão a vida, apontando quais práticas fazer, em especial

aquele aluno que apresenta defasagem de aprendizagem seja qual for o motivo. (apud MENGER, 2010, p.28)

Neste sentido está confiança possibilitará aos alunos, o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades como motivação para seu ensino.

As práticas adotadas pelo professor dentro de sala de aula precisam ter bases, serem planejadas e relevantes no desenvolvimento dos alunos. Segundo Wallon; Bezerra (2006, p.26) tem como base quatro elementos indissociavelmente relacionados entre si, a afetividade, o movimento, a capacidade cognitiva e a formação da personalidade. É importante que a escola proporcione a formação intelectual, afetiva e social da criança, pois dentro de sala de aula, além do corpo, a criança traz também suas emoções, sentimentos e sensações (apud MENGER, 2010, p.27).

Com base nessas informações, é necessário que o professor tenha segurança e entendimento de seu aluno para poder se tornar um facilitador, um mediador no processo de ensino-aprendizagem. Também é imprescindível compreender que cada um de seus alunos aprende com o seu próprio tempo, e respeitar esta maneira individual de aprender auxilia na integração do discente com a aprendizagem.

De acordo com Wallon (1995) “o processo de ensino aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão dessas diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias” (apud SARMENTO, 2010, p.16).

Nóvoa (2003), afirma, para que o professor tenha uma boa prática pedagógica com lições inovadoras e interdisciplinares e que a escola se converta em um lugar de formação e espaço de aprendizagem, o ambiente deve ser cooperativo, no qual professores possam se formar dialogando, pois a atividade docente necessita de dispositivo e acompanhamento (apud MENGER, 2010, p.29). Com atenção a esses aspectos, é possível fazer com que a instituição apresente diferencial na formação dos estudantes por causa da dedicação dos profissionais que lá trabalham.

Dentro de sala de aula, no momento da aprendizagem, a relação entre professor e aluno é bem presente. Segundo Müller, essa relação “dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo” (MÜLLER, 2002, p.276).

Em conformidade com Freire (1996, p.52), “ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar oportunidades para a sua construção ou a sua produção”. Assim, é importante ter em mente que a prática pedagógica deve nortear a relação afetiva de modo a envolver o aluno e, por conseguinte, influenciar espontaneamente a aprendizagem e a autoconfiança do educando. O aluno deve ser agente de seu processo de aprendizagem e a relação estabelecida entre o professor e o estudante deve ser de autêntico diálogo.

De acordo com Libâneo:

Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula, o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula (1994, p. 251).

Toda esta relação ocorre dentro da instituição escolar e para muitos que estão inseridos nela isso pode se tornar um processo incompatível. Segundo Müller, a instituição escolar, como um todo, passa por uma queda de sentido; os alunos não sabem por que vão a ela, a falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada. (2002, p.276).

Apesar disso o professor pode suavizar este conflito preocupando-se com o relacionamento emocional e afetivo, tomando atitudes profissionais diante de suas práticas educativas para lidar com a situação, tornando esta relação mais agradável e confiável.

Os laços criados no ambiente escolar não podem ter os mesmos haveres das ligações familiares, porém o processo da relação direta e personalizada será de grande importância para que esse aprendizado aconteça na relação professor/aluno (SOARES et. al, 2005, p.15).

Nas relações vividas em sala de aula, costuma surgir empatia do aluno em relação ao professor e esta pode acontecer por diferentes motivos, sejam pessoais, afetivos, falta de êxito da criança, entre outros. Segundo (WALLON, 1982), “determinada conduta em relação ao professor pode ocorrer para chamar atenção por vaidade, por sentimento de inferioridade ou pelo desejo de cortejá-los” (apud SOARES et. al, 2005 p.16).

Sarmiento (2010) pontua que os conflitos oriundos desta relação desigual podem e devem ser aproveitados, pois resolvê-los pressupõe o exercício contínuo de equilíbrio entre razão e emoção. Devido à natureza paradoxal das emoções, há um antagonismo entre as mesmas e atividade intelectual.

É possível perceber que quando ocorre a elevação da temperatura emocional, o desempenho intelectual diminui, dificultando a reflexão objetiva, e quando a atividade intelectual está voltada para a compreensão da emoção, seus efeitos são reduzidos. O desenvolvimento deve conduzir à predominância da razão, sem que a emoção esteja excluída (SARMENTO, 2010).

Contudo, diante de “situações-problema vivenciadas diariamente na sala de aula entre professor/aluno, é que, se o professor tiver conhecimento do conflito ‘eu-outro’ na construção da personalidade receberá tais atitudes com mais calma e não como uma afronta pessoal” (SOARES et.al, 2005, p.16).

Portanto, pensar e avaliar as situações de dificuldades, tentando compreender seus motivos e reações, já é um meio de conter a atmosfera emocional. Sendo assim, conhecer os fatores responsáveis pelo conflito possibilitará o aperfeiçoamento da prática pedagógica, direcionando o professor a compreender o aluno e seu universo sócio cultural emocional.

Essa relação professor/aluno pode ser baseada em:

Via de mão dupla, professor/aluno, aluno/professor, que faz da sala de aula uma teia de valores, necessidades, aspirações e frustrações que se entrecruzam e, portanto, se influenciam reciprocamente. Por isso, tanto professor quanto o aluno são responsáveis por dar o tom a essa relação, mas é imprescindível que compreendamos que nós professores somos maestros nessa sinfonia, quer seja por nossa formação, experiência ou por nossa diferença em relação ao aluno, sujeito em formação, em busca de sua identidade (SARMENTO, 2010, p.16).

Outro ponto que devemos ter em mente, com base em Müller (2002, p.278), é o de que o docente não pode ter insegurança sobre o que seja de fato sua autoridade, para que ela não se pareça, como às vezes sucede, com autoritarismo e também, em contrapartida, não propicie a total ausência de lei, impedindo a disciplina, que é necessária ao aprendizado, e a organização de qualquer trabalho.

Com isso, o diálogo não apenas se mostra importante, mas sim fundamental na relação professor-aluno. Haydt (1995, p.87) para afirmar que a atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada, para desencadear o diálogo, no qual o professor apresenta o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências, anteriores do aluno (apud MULLER, 2002, p.278) Assim, ambos chegam a uma síntese que elucida, explica ou resolve a situação-problema que desencadeou a discussão.

Como Freire (1996, p.59) nos reforça ao dizer que não se pode, obviamente, permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor e no exercício de sua

autoridade. Para exercer o respeito, o professor deve saber da relevância do seu trabalho e unir com a afetividade a sua autoridade, buscando, então, o diálogo como forma de chegar ao resultado pretendido: uma sala repleta de estudantes interessados em aprender.

O professor deve se empregar da liderança controlando-a, contudo, para não impedir a criatividade do aluno, produzindo uma relação de respeito mútuo e organizando sua metodologia de trabalho. De acordo com Almeida (2001, p.106), “a relação professor-aluno, por sua natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento” (apud LEPSCH, 2015, p.21).

Freire enfatiza que as características do professor que envolve afetivamente seus alunos asseguram que: o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (1996, p. 96).

Contudo o professor quando apresenta um método de aula seguido com planejamento, seus ensinamentos irão tornar se interessantes para os alunos, despertando sua vontade em participar e adquirir novos conhecimentos, tornando o ensino libertador.

E esse relacionamento emocional e afetivo vai auxiliar no processo de aprendizagem, pois nas ocasiões informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias, manifestando opiniões e criando situações para mais tarde serem utilizadas em sala de aula.

O relacionamento baseado na afetividade é, portanto, um relacionamento produtivo auxiliando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação entre os dois menos conflitante, pois permite que ambos se conheçam, se entendam e se descubram como seres humanos e possam crescer (MÜLLER, 2002, p.276).

Paulo Freire (1996) defende que o verdadeiro educador é aquele que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber e o caráter histórico da curiosidade, dessa forma, toma essa experiência como ponto de partida para o ensino.

Em sala de aula o professor se torna o foco principal dos alunos, que acreditam no que o docente diz e respeitam seu conhecimento. O professor precisa, em suas aulas, também confiar em seus alunos e deixar que eles participem da aula expressando seus conhecimentos e ideias.

Ao professor, cabe, então, propiciar ao aluno a possibilidade de utilizar seu pensamento para crescer, se libertar e sair da menoridade, da submissão do seu

pensamento ao pensar de outra pessoa. Na relação professor-aluno, o professor, usando da afetividade, poderá entender melhor seus alunos e conseguir elementos para atingir seus objetivos (MÜLLER, 2002, p.277).

Para isso, o professor deve continuamente se esforçar para despertar estas capacidades e tentar uma discussão dos inúmeros temas trazendo-os para os problemas atuais, tornando o ensino e a relação professor-aluno produtivas. Dessa maneira, o professor como facilitador do aprendizado provavelmente também conseguirá a motivação de seus alunos.

1.2 HUMANIZAÇÃO DA CIÊNCIA E A AFETIVIDADE

Para entendermos mais sobre o assunto da afetividade, foram encontrados trabalhos que afirmam que ela está diretamente relacionada em seus aspectos, que “não é uma temática contemporânea, mas histórica. Diante dessa afirmação torna-se importante discutir e elencar reflexões de teóricos que buscam em suas discussões apresentar a questão da afetividade” (BRUST, 2009, p.17).

Segundo Áries (1973), até o século XII, as condições gerais de higiene e saúde eram muito precárias, o que tornava o índice de mortalidade infantil elevado. Ainda assim, crianças que conseguiam atingir idade um pouco mais avançada não possuíam identidade própria. Apenas a obtinham identidade quando conseguiam fazer coisas semelhantes àquelas realizadas pelos adultos, com as quais estavam associadas. Sendo assim, não se exigia nenhuma preparação dos adultos que lidavam com crianças (apud LEPSCH, 2005, p.16). A própria concepção de família era diferente do que se conhece atualmente. No século XVI:

Que praticamente mostra a ideia de laços de famílias por meio de semelhanças físicas, não se concebia a existência de qualquer sentimento familiar, as crianças se fundiam neste ambiente, sem nenhuma discriminação de idade, raça, nobreza ou condições sociais e, praticamente, não se aceitava a possibilidade de afetividade nas relações entre crianças e seus entes familiares (MIRANDA, 2013, p.17).

Já no século XVIII, de acordo com Miranda (2013, p.17) “com o núcleo familiar concentrando nele mesmo separando parentes dos serviçais e de outros elementos, os pais começaram a se preocupar com sua prole, deixando surgir e tornar público a afetividade por seus filhos. A criança assume um lugar junto aos pais e à sociedade”. Ou seja, os pais começam a dar importância para seu relacionamento demonstrando e tornando público afeto em seus laços familiares. Com isso,

Passa a ser cuidado pela família conjugal, o espaço de construção da criança tanto física como socialmente e psicologicamente; fica sobre a vista de seus familiares e, posteriormente, a instituição educacional, com uma nova cobrança social: a de que haja um vínculo emocional entre os envolvidos – criança e adultos (MIRANDA, 2013, p.17).

A partir do fim do século XIX em direção psíquica a criança “passa a ser vista como

possuidora de atividade biopsíquica, de conjunto funcional destinado ao registro dos afetos e emoções e à elaboração dos pensamentos e atos comportamentais. Toda essa situação voltada para qualquer área de desenvolvimento da criança” (MIRANDA, 2013, p. 18).

Comenius (2002, p.85), refere-se ao cérebro na idade infantil como úmido e tenro, pronto para receber todas as imagens que lhe chegam, apreendendo rapidamente o que lhes é ensinado. No cérebro do homem, é sólido e duradouro apenas o que foi absorvido na primeira idade. Nessa referência a afetividade passa a ser olhada como algo essencial ao desenvolvimento da criança (apud BRUST, 2009, p.17).

De acordo com Oliveira (1992) diante do conceito de afetividade:

[...] que as dimensões cognitivas e afetivas vinham sendo tratadas como ciências e, dessa forma, vistas de forma separada. Porém, atualmente, esses dois aspectos foram reunidos na tentativa de recompor completamente o ser psicológico. Assim, a reunião das dimensões cognitivas e afetiva busca superar a divisão artificial desses dois aspectos com o objetivo de acabar com a compreensão fragmentada do funcionamento psicológico. (apud QUIRINO, 2016 p.144).

Conceitualmente, para Wallon (1978), a afetividade deve ser diversificada de suas manifestações, diferenciando-se do sentimento, da paixão, da emoção. “Em outras palavras, afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas, como as emoções, os sentimentos e as paixões” (LEPSCH, 2015, p.17). Sendo então um domínio de funções que incorporam o afeto com distintas expressões diante de cada situação em que o indivíduo se encontra.

Diante de tais colocações, é importante conceituar que a afetividade é vista como manifestação da emoção. A emoção é apenas um mecanismo de sobrevivência, característico da espécie humana. Por exemplo, quando um bebê chora, ele está transparecendo para a mãe que tem alguma coisa errada, que ele está com alguma dor, está com fome, precisa ser trocado ou apenas quer colo (QUIRINO, 2016, p.145).

Elevando este assunto Wallon (1992), afirma que a emoção proporciona o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva no início da vida da criança (apud QUIRINO, 2016 p.145).

Neste pensamento de Wallon (1992), a atividade emocional é, ao mesmo tempo, biológica e social, tendo em vista que realiza a passagem entre o estado

orgânico do ser humano e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser alcançada a partir do intermédio cultural, isso é, social. (apud QUIRINO, 2016, p.145).

A afetividade está relacionada a várias fontes que fazem parte de um todo. Ademais, estão envolvidas com condições internas e externas do indivíduo, apresentando várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, tristeza, etc.) e os aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas, etc.).

No contexto escolar, a prática afetiva está relacionada à capacidade que o professor possui de se preocupar com os alunos, conhecendo-os, aceitando-os, respeitando-os e entendendo seus sentimentos (PIÉRON, 1969, apud LEPSCH, 2015, p.17).

Para Libâneo (1994), o aspecto de trocas de conhecimentos e a própria relação pessoal entre professor e aluno devem estar baseadas na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o estudante para seu crescimento interno, fortalecendo, assim, suas bases morais e críticas. Contudo, podemos dizer que a afetividade é um estado de afinidade profunda entre os sujeitos e que a interação afetiva de cada sujeito intensifica sua relação consigo mesmo, observa os próprios limites e, ao mesmo tempo, aprende a respeitar os limites do outro.

Dessa maneira, segundo Dantas (1992, p.90), a afetividade é enfatizada como “uma fase do desenvolvimento, assim, o ser humano desde que saiu da vida puramente orgânica é um ser afetivo. Portanto, da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional” (apud QUIRINO et.al, 2016, p.145). Segundo Brust:

O homem para ser homem, criatura racional, deve ser instruído nas letras, nas virtudes e na religião, tornando-se capaz de levar a vida presente de modo útil e de preparar-se dignamente para a vida futura. Todos devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes, para que ninguém no mundo se depare com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer um uso adequado (2009, p. 17).

O homem é um ser vivo um ser com necessidades e potencialidades materiais, além das dimensões de identidade e significação que a civilização e a cultura lhe conferem. Segundo De Paula (2008), nesta direção é que o homem produz os seus meios de sobrevivência. E, neste fazer de si, dá origem ao seu auto processo de humanização da natureza. O homem define-se, pois, por esta capacidade material de produzir seus meios de sobrevivência material e de construir, a partir destes, uma grade de representação simbólica e institucional, que dá formas à sociedade e cultura aos ordenamentos ideológicos da vida social e aos produtos espirituais da prática social.

Paulo Freire cita que a experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no suporte. O suporte é o espaço, restrito ou alongado, que o animal se prende “afetivamente” tanto quanto para, resistir; e o espaço necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio (1996, p.26). Os homens não nascem prontos, acabados, mas são constituídos e entrelaçados em uma rede de inter-relações entre causas externas e internas de sua formação, evolução e produção social.

Wallon (1978, p.201), entende que a primeira relação do ser humano ao nascer é com o ambiente social, ou seja, com as pessoas ao seu redor. As manifestações iniciais do bebê assumem um caráter de comunicação entre ele e o outro, sendo vistas como o meio de sobrevivência típico da espécie humana (apud TASSONI, 2015, p.5).

Neste contexto, Wallon (1978) os únicos atos úteis que a criança pode fazer, consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio. Portanto, os primeiros gestos não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas, de expressão (apud TASSONI, 2015, p.5).

Diante de tais informações, a afetividade é considerada a energia que move as ações humanas e é utilizada por meio das vivências dos indivíduos e nas formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Ou seja, sem afetividade não há interesse nem motivação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi realizada em uma escola Municipal na cidade de Ponta Porã-MS. É considerada uma Instituição de médio porte, atendendo o Ensino Regular de Pré-escolas de meio período, Ensino Fundamental anos finais meio período e Ensino Fundamental, anos iniciais meio período.

A instituição possui uma gestão democrática e participativa, oportuniza a comunidade escolar a trabalhar de forma coletiva atendendo a todos os segmentos. A escola oferece atividades complementares aos alunos e atendimento educacional especializado (AEE). Em suas dependências, possui uma sala de tecnologia com 17 computadores, biblioteca com espaço de leitura e reforço nas disciplinas de Português e Matemática, sala de professores, coordenação, secretaria, cozinha com um pequeno refeitório e um ambiente agradável e amplo para abrigar no total de 673 de alunos.

Os sujeitos da pesquisa são indivíduos, informantes, entre outros. Segundo Chizzot (2010) “na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam” (apud HARTWIG, 2012, p.52). Neste trabalho, os sujeitos da pesquisa foram a professora regente que atua no 3º ano do ensino fundamental e os alunos da mesma série presentes na instituição onde foi realizado o estudo.

O recurso para a realização do estudo foi à pesquisa qualitativa, que segundo Lüdke; André (1986, p.11), “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo”, pontuando o caráter subjetivo do objeto analisado.

Também foi realizado um estudo de caso “[...], seja ele simples e específico, [...] o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986 p.17), sendo essencial a utilização do desenho e questionários como método do estudo.

Lüdke; André (1986) enfatiza também que o estudo de caso parte de alguns pressupostos teóricos iniciais, mas procuram manterem-se constantemente atentos a novos elementos emergentes e importantes para discutir a problemática em questão.

Para o desenvolvimento do trabalho efetuou-se leituras, fichamentos, entrevistas (questionários), observações, análise das entrevistas, desenho e semiótica. Como embasamentos do estudo foram utilizados menções de autores considerados renomados que

discorrem sobre o tema, sendo eles: Paulo Freire (1996), Libâneo (1994), Fazenda (2001), Lüdke; André (1986), Gil (2002), Peirce (2003) entre outros.

O instrumento da pesquisa realizou-se, primeiramente, a partir de entrevista em forma de questionários elaborados para a professora e alunos, compostos por oito perguntas abertas tratando sobre o tema. Após, foi realizada a observação em sala de aula das interações entre professora e alunos para fazer o levantamento referente às contribuições e as relações de afeto no momento do ensino-aprendizagem, se eles de fato ocorrem e de que forma.

A partir das observações, foi realizada posteriormente uma análise para verificar se a relação de afeto entre professor e aluno interfere na disciplina e organização da turma a partir da prática trabalhada em sala, a troca de respeito entre professor e aluno e a aplicação do desenho com os estudantes para melhor compreensão e levantamento dos resultados da pesquisa.

A observação, segundo Marconi e Lakatos (2003, p.190), “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Assim, a observação foi realizada de forma assistemática, também denominada como informal. Marconi e Lakatos (2003, p.192), pontuam que a observação assistemática “consiste em recolher os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais [...]”, proporcionando, dessa forma, a fidelidade e sinceridade no registro dos dados.

Para obter respostas dos sinais presentes nos desenhos preparados pelos alunos foi utilizado como base teórica o livro de Semiótica de Charles S. Peirce (2003), que investiga a relação entre objetos e pensamentos. A unidade semiótica, de acordo com Peirce (2003), seria o signo usado para denotar um objeto perceptível, apenas imaginável ou imaginável com certo sentido. Os desenhos não tratam apenas de repetições, mas sim de complementação de uma análise inicial.

Realizou-se para pesquisa a análise estatística de dados a partir da leitura de questionários de modo que, o conjunto de respostas obtidas pelos alunos e a professora foram feitos por base de suas concepções e abordagem.

Muitos estudos de campo possibilitam a análise estatística de dados, sobretudo quando se valem de questionários ou formulários para coleta de dados. No entanto, diferentemente dos levantamentos, os estudos de campo tendem a utilizar variadas técnicas de coleta de dados. Daí por que, nesse tipo de pesquisa, os procedimentos de análise costumam ser predominantemente qualitativos (GIL, 2002, p. 133).

Para a sequência deste processo de levantamento é envolvida também a categorização dos dados. Segundo Gil (2002, p.134), ela “consiste na organização dos dados

de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles. Isso requer a construção de um conjunto de categorias descritivas, que podem ser fundamentadas no referencial teórico da pesquisa”.

Para essa categorização subjetiva, foram utilizadas entrevistas seguidas por um questionário aplicado para a professora e alunos, com resultados demonstrados a partir de gráficos, observações em sala de aula de forma assistemática, finalizando com o desenho executado pelos alunos para melhor interpretação e conclusões referentes à pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

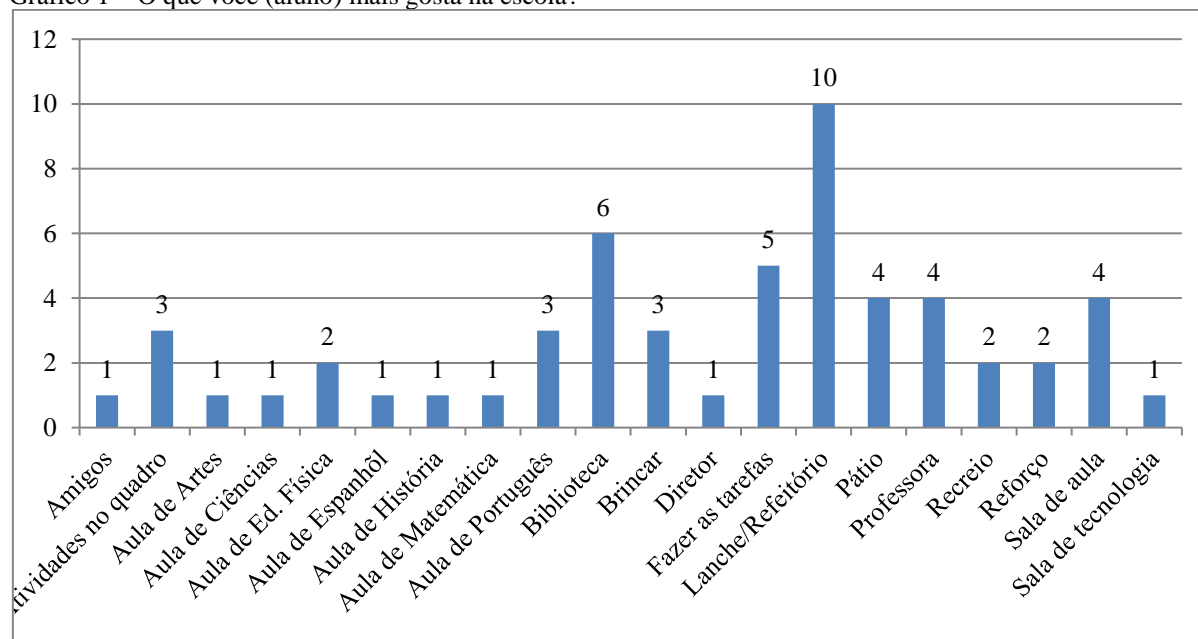
3.1 Questionários dos alunos

O questionário foi aplicado no 3º ano do ensino Fundamental, relacionando o tema afetividade como instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Ao todo, 22 (vinte e dois) questionários foram respondidos, sendo que 10 (dez) alunos são do sexo masculino e 12 (doze) alunos são do sexo feminino, com idades entre 8 (oito) à 12 (doze) anos. 4 (quatro) questionários deixaram de ser respondidos por alunos faltosos.

Os alunos responderam a oito questões formuladas pela pesquisadora. As perguntas apresentaram respostas subjetivas em que o entrevistado foi convidado a retratar e opinar segundo suas experiências, considerando a idade dos estudantes para o grau de complexidade das perguntas.

A primeira questão tratou sobre o que o aluno mais gosta na escola, ou seja, seu agrado, satisfação, interesse, entre outros. Muitas respostas trouxeram mais de uma palavra e neste estudo todas foram consideradas. Após a leitura de todos os questionários chegou-se ao resultado apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – O que você (aluno) mais gosta na escola?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

Conforme o gráfico, a satisfação do aluno no ambiente escolar é de grande importância para o desenvolvimento, cultura e sua aprendizagem.

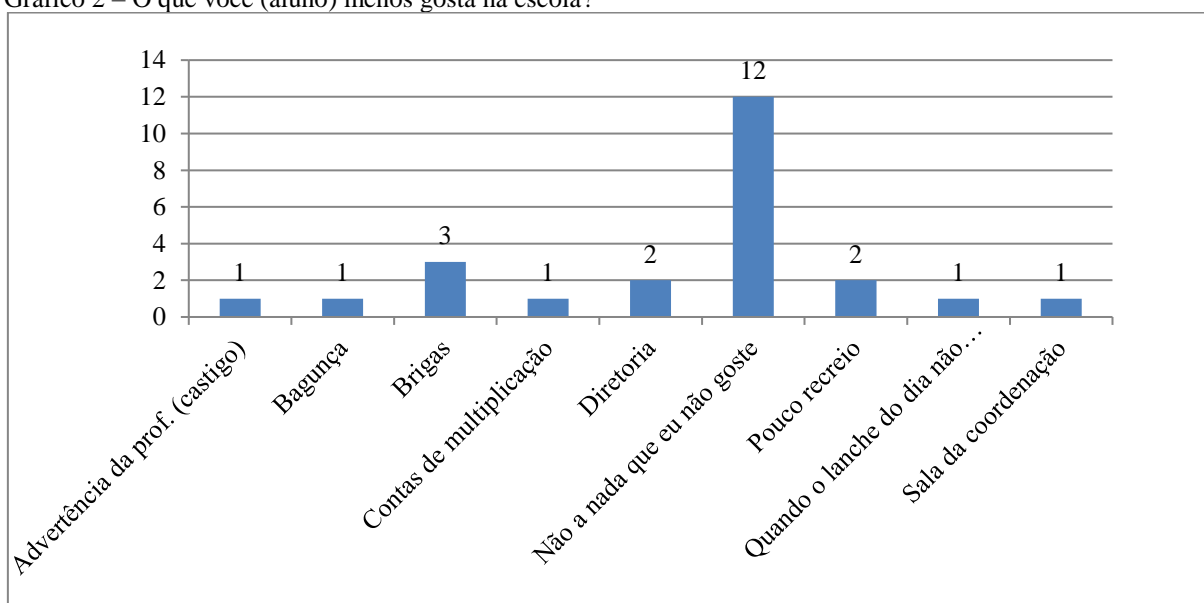
Sobre isso, Papalia et.al (2010) afirmam que na escola as crianças “[...] desenvolvem habilidades necessárias à socialização e à intimidade, intensificamos relacionamentos, [...] são

motivadas a realizar coisas, além de adquirirem um senso de identidade, aprendem a liderar, a se comunicar e a cooperar” (apud TREVISOL; SOUZA, 2015, p.38).

Ainda sobre a temática, Bock et. al (1999, p.124) descrevem que “a escola surgirá, então, como um lugar privilegiado para este desenvolvimento, pois é o espaço em que o contato com a cultura é feito de forma sistemática [...]. O desenvolvimento só ocorre quando situações de aprendizagem o provocam”.E as interações e interesses no ambiente escolar favorecem o ensino-aprendizagem e a construção do conhecimento.

Perguntou-se também o que os alunos menos gostam na escola, ou seja, algo desagradável ou pouco interessante para cada. As respostas estão apresentadas abaixo.

Gráfico 2 – O que você (aluno) menos gosta na escola?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

De acordo com a leitura das respostas, foi constatado que a principal explicação para ao resultado das respostas é que não há nada que os alunos não gostem. Podemos perceber que a maioria dos estudantes se sentem confortáveis e apresentam alegria no ambiente escolar, contribuindo de forma positiva para a construção do conhecimento e para o interesse em aprender e participar das aulas.

Trevisol; Souza (2015 p. 39) pontua que é “importante considerar o ambiente afetivo do espaço da sala de aula, além da identificação do aluno com seu professor, a interação entre eles, como um fator primordial tanto para o ensino quanto para a aprendizagem”.

Diante disso, Paulo Freire (1996 p.29) afirma que ensinar “exige alegria e esperança”, podendo assim considerar essas duas expressões relacionadas ao sentimento de afeto obtido como instrumento que auxilia o professor em suas práticas para o ensino.

Referente aos resultados apresentados no gráfico de brigas, estas são ações que ocorrem no pátio no momento de intervalo entre outros alunos no que as crianças do 3º ano do ensino fundamental acabam presenciando entre discentes com mais idades pelo fato de ser uma escola que atende até os anos finais do ensino fundamental.

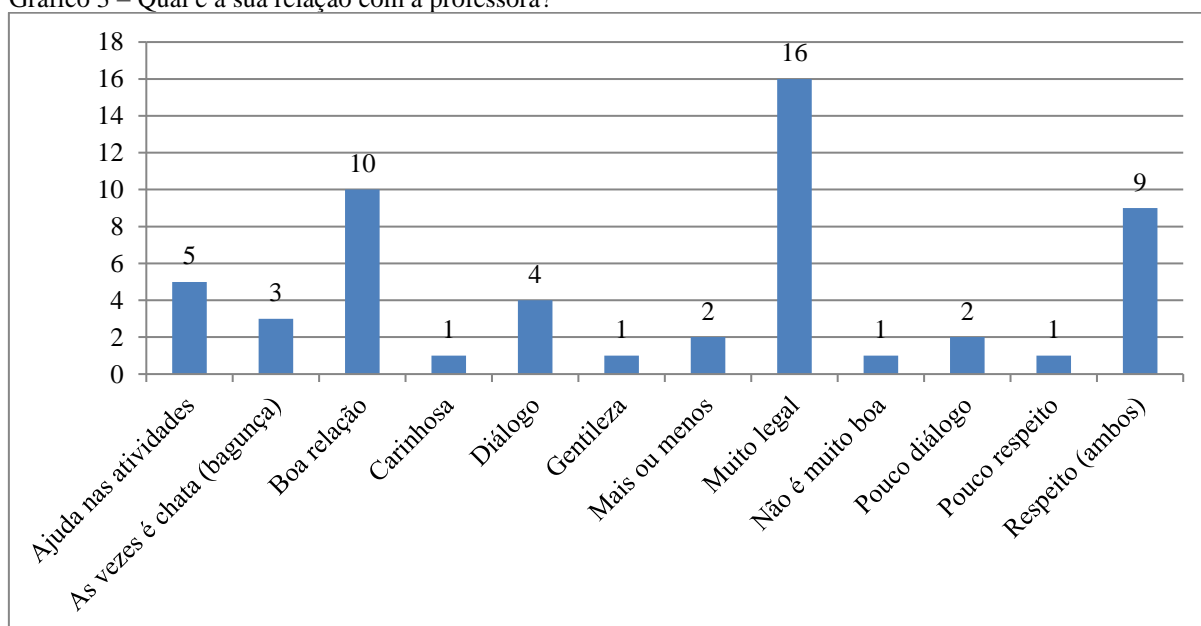
Já o resultado de diretoria as crianças menos gostam porque é o local onde a professora os leva ou diz levar por mau comportamento em sala quando ficam conversando entre outros colegas atrapalhando quem está fazendo as atividades, não contribuem na organização da sala ou por ser um local que as crianças conhecem pelo comparecimento de alunos que apresentam rebeldia como brigas e falta de respeito pelos outros.

Levando em consideração que o cenário educativo é espaço de desejos, afetos e conflitos que constituem a vida inter e intrapessoal no contexto escolar, devem estar na relação ensino e aprendizagem, um espaço dialético, no que convivem diálogo, oposição, interação, razão e emoção (SOARES et. al, 2005, p.50).

Referente a pouco recreio as crianças menos gostam por ser uma diversão diminuída, porque este é o momento em que os estudantes saem para brincar e encontrar outros amigos. Tornando assim um momento desagradável por ser um intervalo com pouco tempo.

Questionados sobre a relação existente com a professora, o resultado encontrado segue no gráfico seguinte. Apenas 1(um) questionário trouxe como resposta que a relação diante da professora é de pouco respeito.

Gráfico 3 – Qual é a sua relação com a professora?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

Conforme a análise das respostas desta questão acima, os alunos expressaram que o vínculo diante da professora está relacionado a “muito legal”, “boa relação” e “respeito”, deixando em evidência que o afeto é vivenciado na relação dos estudantes com a professora.

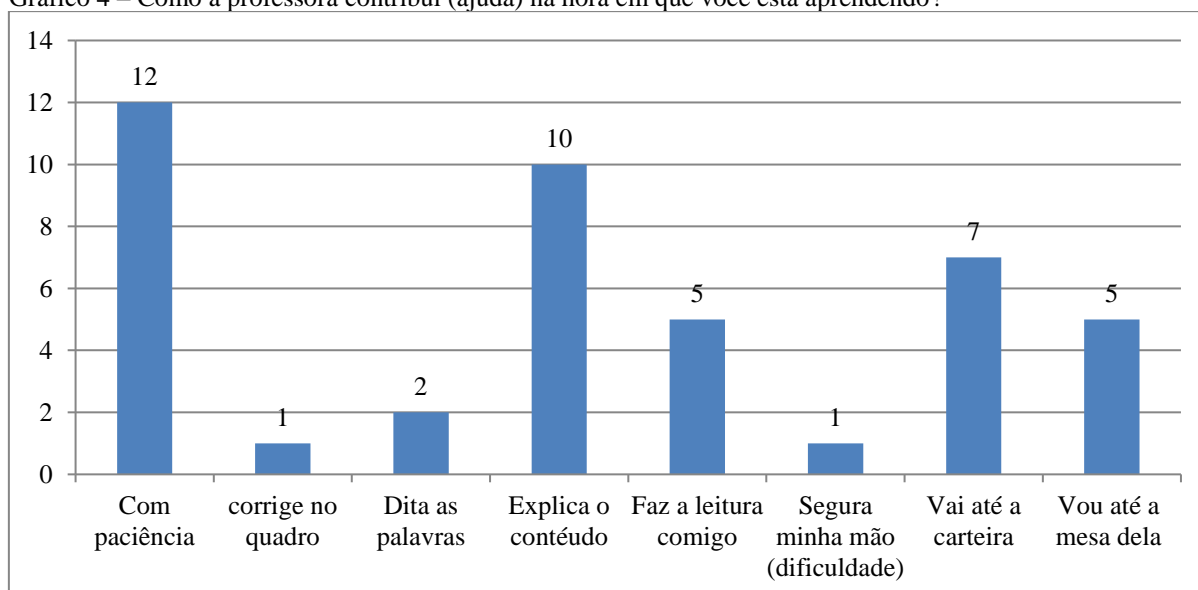
Para Sarmento (2010, p.19), “a relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo ensinar-aprender, o exercício do diálogo, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto [...] é fundamental para aprendizagem”.

Referente ao resultado de que relação entre professor/aluno é quando ela ajuda nas atividades, podemos considerar isto como um momento bom, porque é quando a professora se aproxima do aluno e oferece a ele um pouco mais de atenção, dedicação e relação direta entre ambos. “Portanto, a relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo ensinar-aprender, o exercício do diálogo, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto, o saber escutar e o dizer, configuram-se elementos fundamentais para a aprendizagem” (LEPSCH, 2015, p.21).

Embora a opinião de que o afeto dos alunos pela professora esteja em destaque, o resultado não é totalmente satisfatório porque não há como avaliar apenas com a entrevista esta relação de afeto, por ser somente um fundamento concreto dos efeitos. E por esse motivo foram elaboradas 8 (oito) perguntas para os alunos, a utilização dos desenhos, observação e entrevista com a professora para obter o resultados desejados

Durante a busca, para essa pesquisa, de conhecimentos relacionados à prática da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, questionou-se aos alunos como a professora contribui e ajuda no momento da aprendizagem. Seguem os resultados:

Gráfico 4 – Como a professora contribui (ajuda) na hora em que você está aprendendo?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

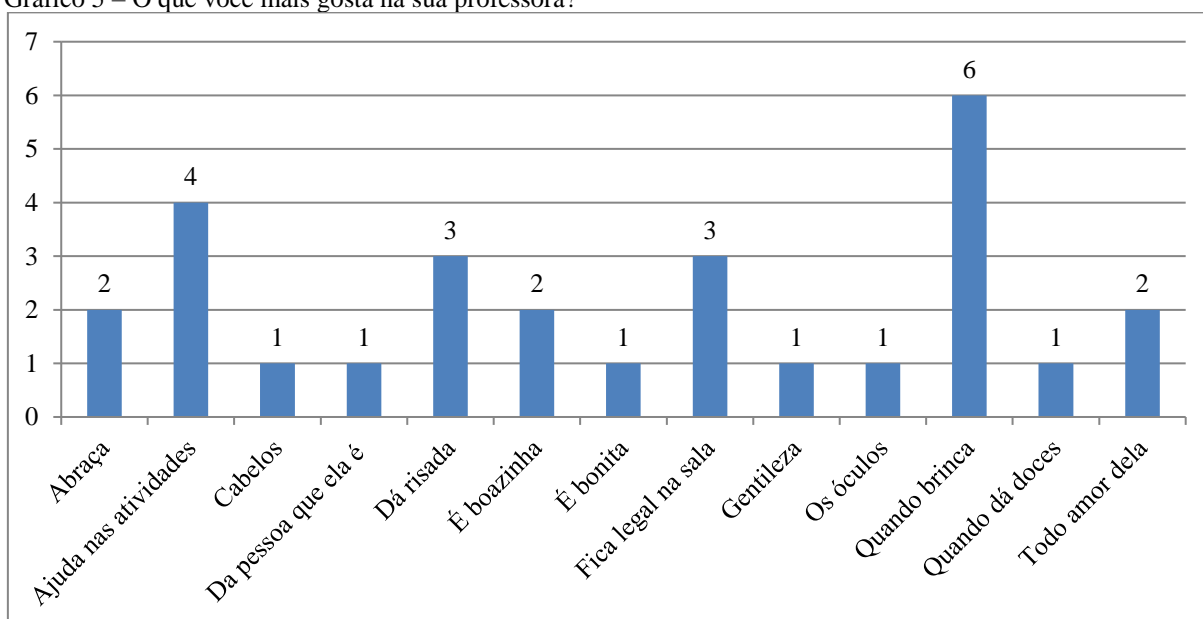
Verifica-se que há uma relação direta de professor e aluno entre o processo de ensino-aprendizagem por meio dos resultados obtidos pelos discentes a partir da contribuição que a mesma oferece quando apresenta paciência explicando o conteúdo mais de uma vez se necessário, oferecendo apoio ao aluno em suas dificuldades, fazendo leitura transmitindo segurança para o mesmo quando ele está aprendendo, quando vai até a carteira expressando interesse pelo conhecimento ou dificuldade que o discente apresenta, ou até mesmo quando aluno vai até a professora demonstrando dúvidas, dificuldades, disposição e motivação em sua aprendizagem.

Diante de Sato “Um bom professor deve ser um profissional completo que se destaca em sua prática pedagógica, não somente nos conhecimentos específicos de cada área, mas aquele que tem equilíbrio para mediar conflitos, ensinar, conversar e criar um bom ambiente de trabalho” (2013 p.29).

Para Freire (1996, p.52) “[...] saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”, ou seja, o professor é um mediador do conhecimento, passando sua experiência ao aluno como método, contribuindo na construção de seu aprendizado. E a partir da paciência obtida pela professora o relacionamento professor/aluno proporciona uma interação construtiva e afetiva.

Outra pergunta do questionário se referia ao que mais os alunos gostam na professora para caracterizar melhor a relação de afeto entre ambos. Seguem os resultados.

Gráfico 5 – O que você mais gosta na sua professora?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

O professor deve ser um profissional que se destaca em sua prática pedagógica, não apenas nos conhecimentos específicos de cada área, mas aquele que tem firmeza para mediar conflitos, ensinar, conversar, brincar e criar um bom ambiente de trabalho.

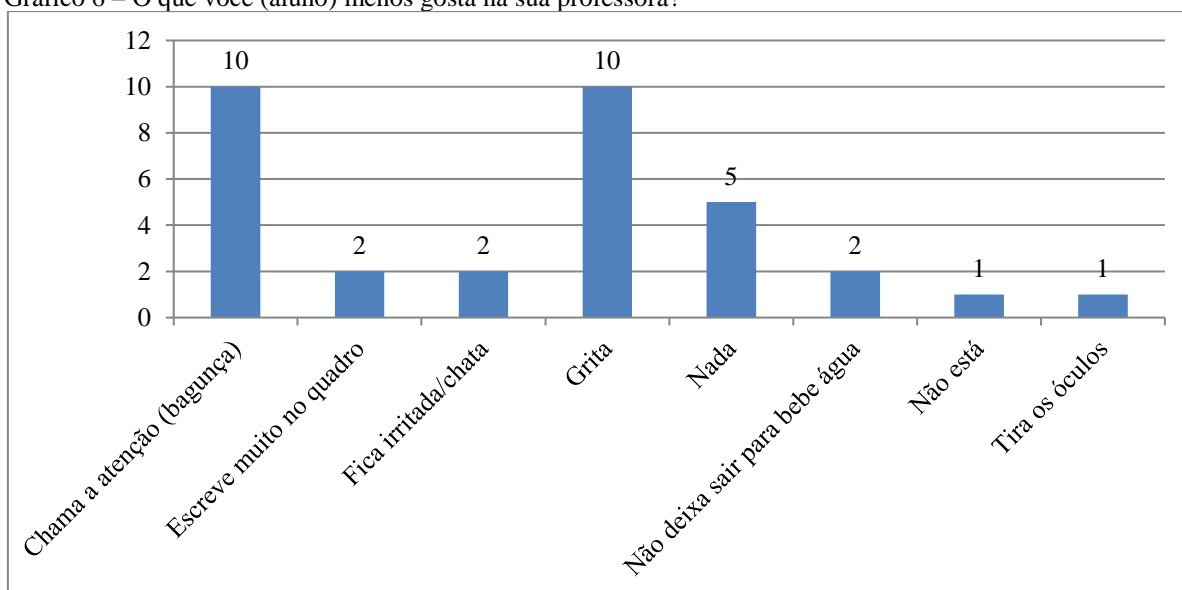
Os resultados apontaram que os alunos gostam quando a professora brinca com eles, como exemplo: pular corda, jogar bola, com dinâmicas na aula, entre outros. Segundo Vieira et. al (2010, p.33) “a figura do professor surge então carregada de importância na relação ensino-aprendizagem”.

Devem-se levar em consideração os resultados expressados pelos alunos no qual gostam quando ela ajuda nas atividades porque eles apresentam sentimento de que a professora se importa com os seus conhecimentos, dúvidas e dificuldades, quando a docente abraça demonstrando carinhos, quando ela dá risada, é boazinha e fica legal porque adoram presenciar sua alegria transparecendo conforto e liberdade em suas relações dentro de sala. Ou até mesmo quando eles citam que gostam de todo o amor dela, transparecendo assim este sentimento de afeto.

Para complementar a figura da professora, de acordo Hartwig (2012, p.64) “[...] o trabalho docente não é realizado sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser reconhecido ou sobre uma obra a ser produzida, mas sim sobre uma rede de interações com outros seres humanos, em que estarão presentes símbolos, valores, sentimentos [...]”, aproximando a relação entre ambos.

Perguntou-se também o que os alunos menos gostam na professora, ou seja, que os aborrece ou não agrada.

Gráfico 6 – O que você (aluno) menos gosta na sua professora?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

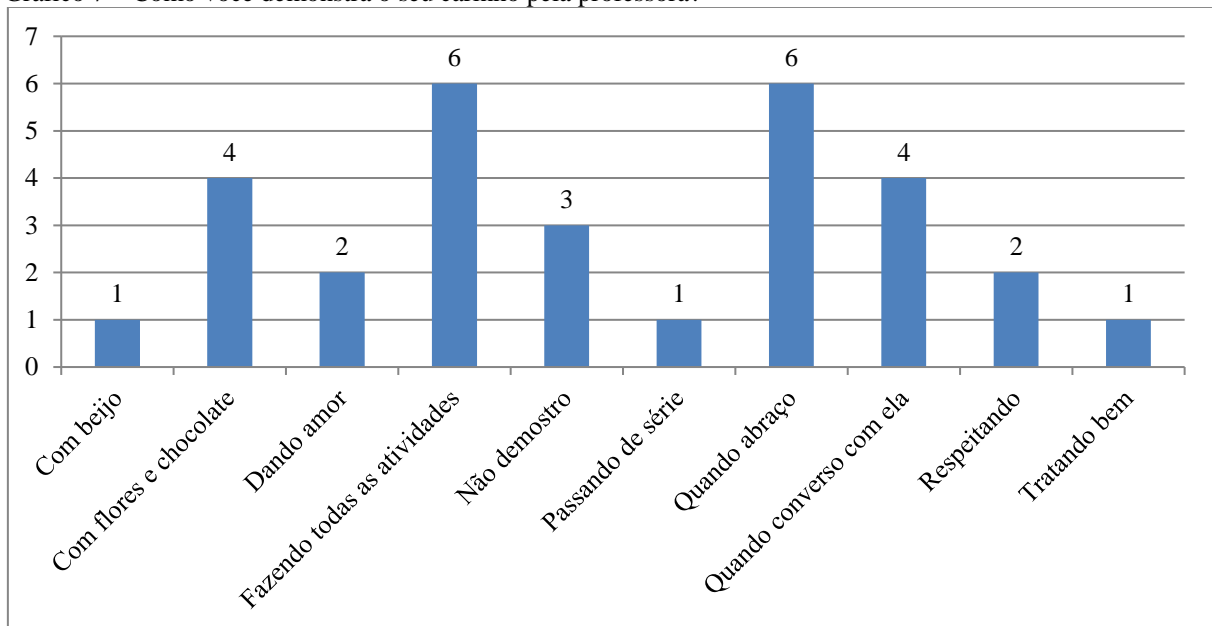
Como um complemento à pergunta anterior, a questão reforça que o que mais aborrece os alunos é quando a professora chama a atenção, grita e fica irritada. A partir do diálogo obtido com eles, descobriu-se que o principal motivo para mudança de comportamento da professora é porque os mesmos fazem muita bagunça em sua aula.

Freire (1996, p.59), sobre a temática, acrescenta que não se pode, obviamente, permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor e no exercício de sua autoridade. A professora regente acrescenta que alterar o tom de voz de vez em quando na sala de aula é necessário para que se tenha controle e organização. Sato (2013, p.17) afirma que “o professor que detém o domínio da sua turma com essa valorização alcança uma maior produtividade e eficácia no ensino”.

Em relação a quando a professora escreve muito no quadro ou não deixa os alunos saírem para beber água está mais evidente que é para haver mais conversas e brincadeiras entre os mesmos, a partir das observações feitas em sala.

Apenas 1 (um) aluno citou que é quando a professora tira os óculos, pelo fato de sempre presenciar a mesma com o acessório e notar diferença em sua fisionomia. A penúltima pergunta foi elaborada para compreender se, de fato, a afetividade está relacionada à relação professor/aluno, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 7 – Como você demonstra o seu carinho pela professora?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

Nota-se que a demonstração de carinho dos alunos diante da professora existe dentro de sala, deixando claro que a forma mais evidenciada é quando eles fazem todas as

atividades propostas e quando a recebem com um abraço. Segundo Sarmiento (2010), os laços afetivos se estabelecem a partir da confiança, amizade e harmonia que sentem pelo professor.

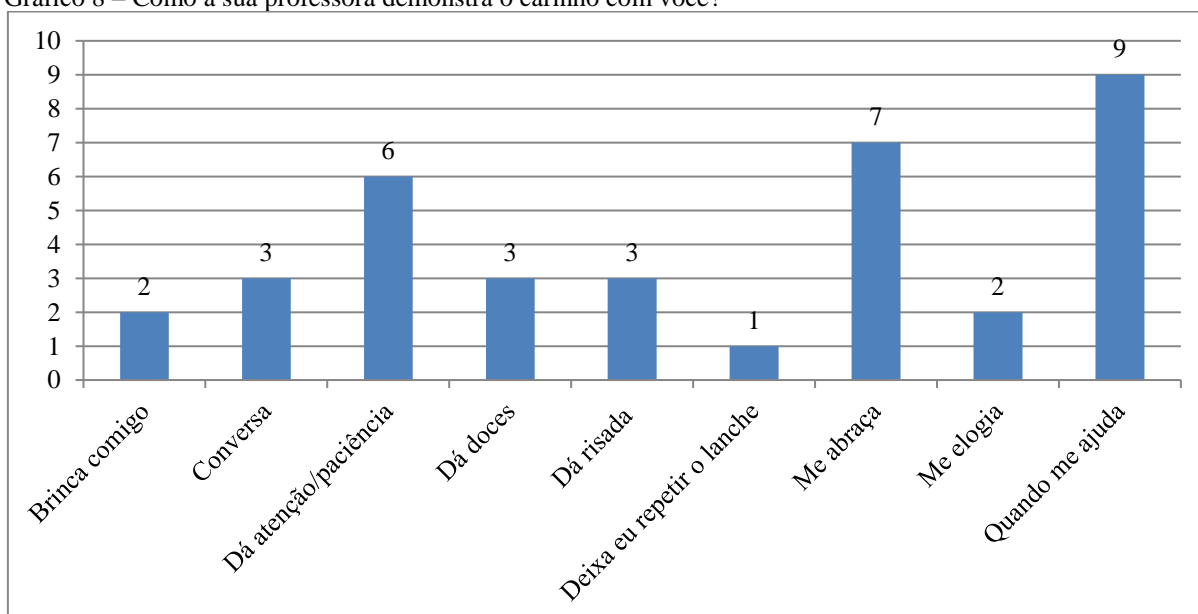
Referente aos resultados de demonstração de carinho com beijo, flores, chocolates, dando amor, respeitando, tratando bem e as conversas entre ambos. São sentimentos expressivos que alunos oferecem como forma de agradecimento pela professora em sempre estar presente em sala, apresentado a figura de tutora, a que ensina, protege e contribui para conhecimento dos mesmos.

A partir desses resultados é possível considerar que: “No contexto escolar, a prática afetiva está relacionada à capacidade que o professor possui de se preocupar com os alunos, conhecendo-os, aceitando-os, respeitando-os e entendendo seus sentimentos” (PIÉRON, 1969, apud LEPSCH, 2015, p.17).

Apenas 3 (três) questionários trouxeram como resposta que não demonstram carinho pela professora. Questionados os motivos, os mesmos alunos revelaram que é por timidez.

A última questão reforça os laços afetivos presentes dentro de sala entre professor e aluno, contribuindo para uma relação e convivência de respeito e liberdade no momento da aprendizagem.

Gráfico 8 – Como a sua professora demonstra o carinho com você?



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

Confirmando as respostas obtidas e observadas nos gráficos 7 e 8, ficou explícito que para os alunos a professora demonstra carinho quando ajuda (auxilia) eles na aprendizagem,

apresentando com transparência que a afetividade é um instrumento que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, Ribeiro (2010, p.404) pontua que:

Fica evidente que os estudantes apreciam mais as disciplinas ministradas por professores com os quais se relacionam melhor, pois a conduta desses profissionais influencia a motivação, a participação e a dedicação aos estudos. Motivar um estudante, então, não é uma questão de técnica, mas depende da relação que se estabelece com esse sujeito (apud SATO; 2013 p.18).

De acordo com os resultados apresentados de brincadeira, conversas, atenção, risada, abraço e elogio são expressões que os alunos presenciavam diante da professora como forma de carinho e admiração que a mesma tem pelos alunos.

Para certificar as informações dos alunos diante das questões formuladas pela pesquisadora, como complemento da pesquisa foi solicitada a elaboração de desenhos executados pelos estudantes.

3.1.2 Desenhos

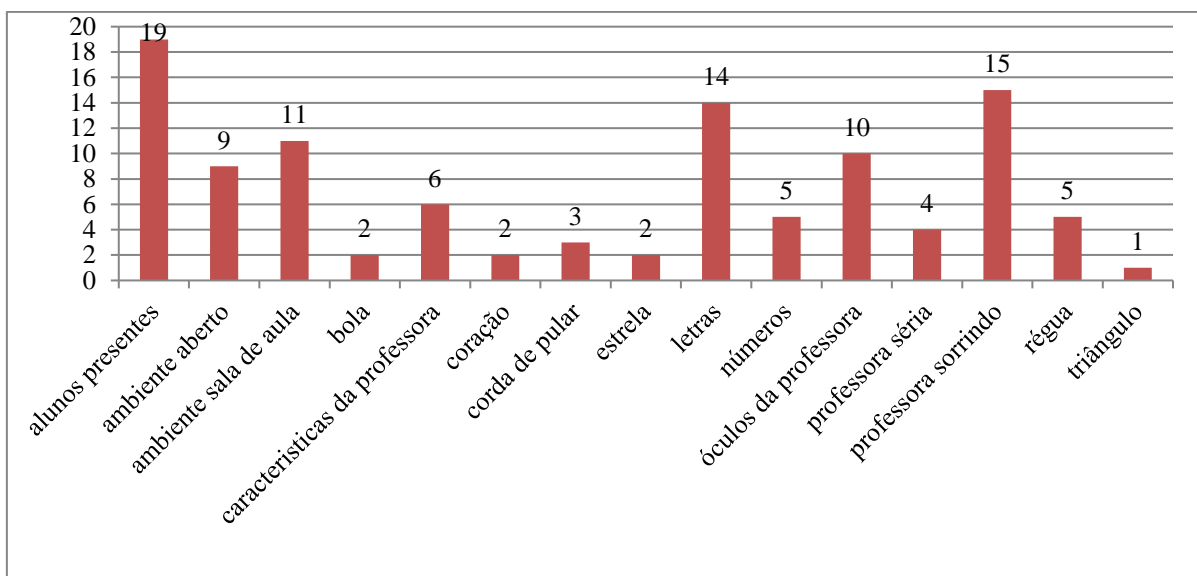
O desenho tem como objetivo criar categorias e fazer leituras para confirmar na pesquisa sinais demonstrando a relação e a contribuição do afeto entre professor/aluno no momento do ensino-aprendizagem.

Os desenhos ilustraram resultados interessantes que colaboram para a resposta da pergunta lançada no início da pesquisa: “qual a contribuição de relação de afeto entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem?”.

Ao todo, 19 (dezenove) desenhos foram idealizados e 7 (sete) deixaram de ser feitos por alunos faltosos. Para a análise dos dados foram utilizados apenas alguns desenhos que representam a maior quantidade de signos descritos no gráfico.

O gráfico abaixo apresenta as categorias, sinais, características e símbolos expostos pelos alunos a partir do desenho.

Gráfico – contagem de signos



Organização: Bruna Figueiredo da Silva (2018).

A partir do gráfico acima é possível observar que a maioria dos desenhos executados pelos discentes demonstra que os signos de: aluno, ambiente sala de aula, letras e os números estão presentes.

O signo retratado no desenho aluno e ambiente sala de aula são considerados ícones, sendo o corpo do desenho lembrando o objeto. Segundo Peirce (2003 p.64) “O ícone é um Representâmen (Signo) cuja Qualidade Representativa é sua Primeiridade como Primeiro.” Ou seja, possui uma semelhança física com a ideia que representa.

Já as letras e os números apresentados no desenho são considerados como símbolos sendo as mesmas uma abstração que não se parece com o objeto. A partir das considerações de Peirce:

Um símbolo é um Representâmen (Signo) cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu Interpretante. Todas as palavras, frases, livro e outros signos convencionais são símbolos. Falamos em escrever ou pronunciar a palavra (homem), mas isso é apenas uma réplica ou corporificação da palavra, que é pronunciada ou escrita (2003 p.71).

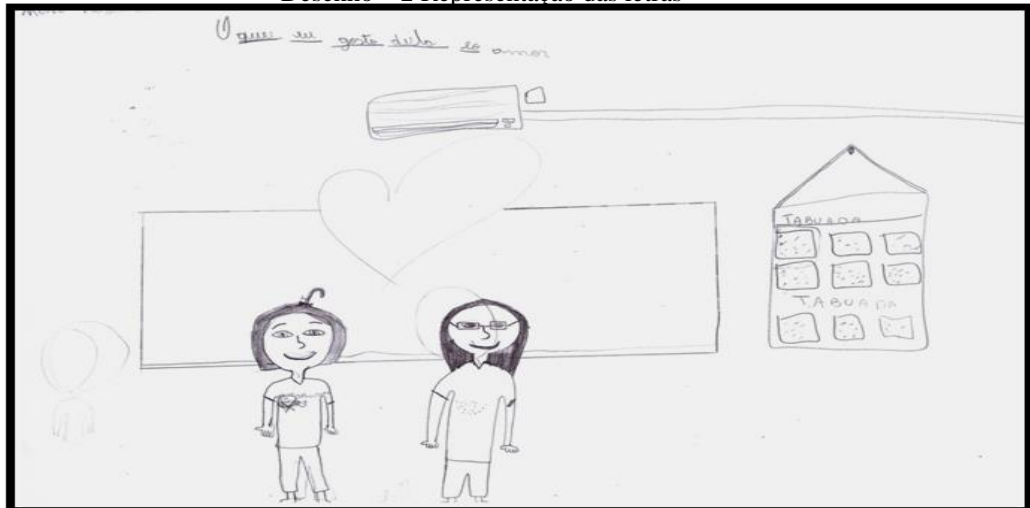
Sendo assim é considerado um abstrato com a palavra escrita (língua), no qual sua forma não tem qualquer semelhança com o significado. Como apresenta os desenhos abaixo.

Desenho – 1 Representação do ambiente sala de aula e os alunos



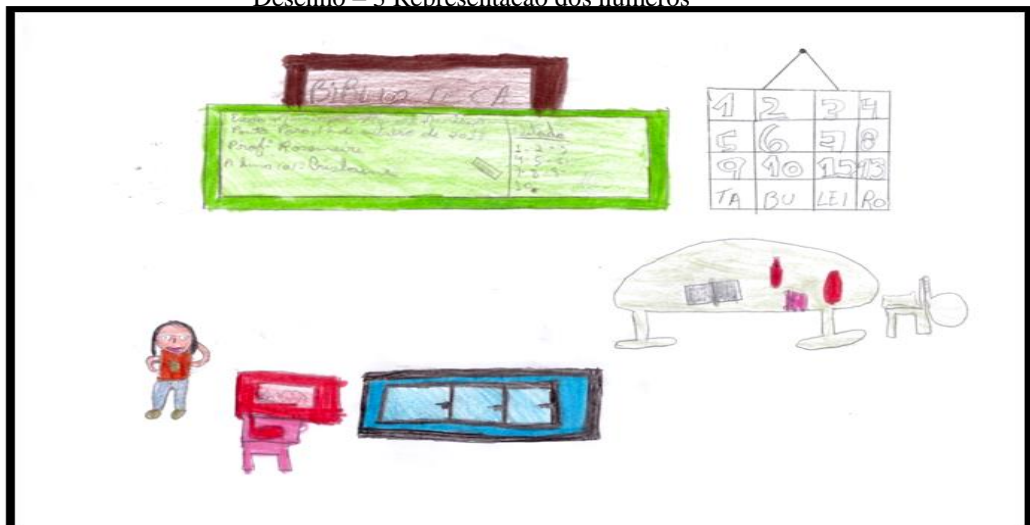
Fonte: Executado pelo aluno

Desenho – 2 Representação das letras



Fonte: Executado pelo aluno

Desenho – 3 Representação dos números



Fonte: Executado pelo aluno

É possível observar a partir dos desenhos que os alunos demonstram, no entanto o ambiente da sala de aula de forma harmônica, e as letras transparecem o carinho que eles sentem pela professora. Hanauer considera que

O desenho como linguagem também se constitui um instrumento do conhecimento e leva a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo. A criança que desenha estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos e aprimora suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente. Ela externaliza sentimentos e expressa pensamentos (HANAUER, 2011 p.5).

Igualmente “Read (2011) afirma que o desenho é um modo de expressão da criança e pode ser considerado um processo mental. É também por meio do desenho que a criança imagina e inventa, despertando a curiosidade e o conhecimento” (apud HANAUER, 2011 p.5).

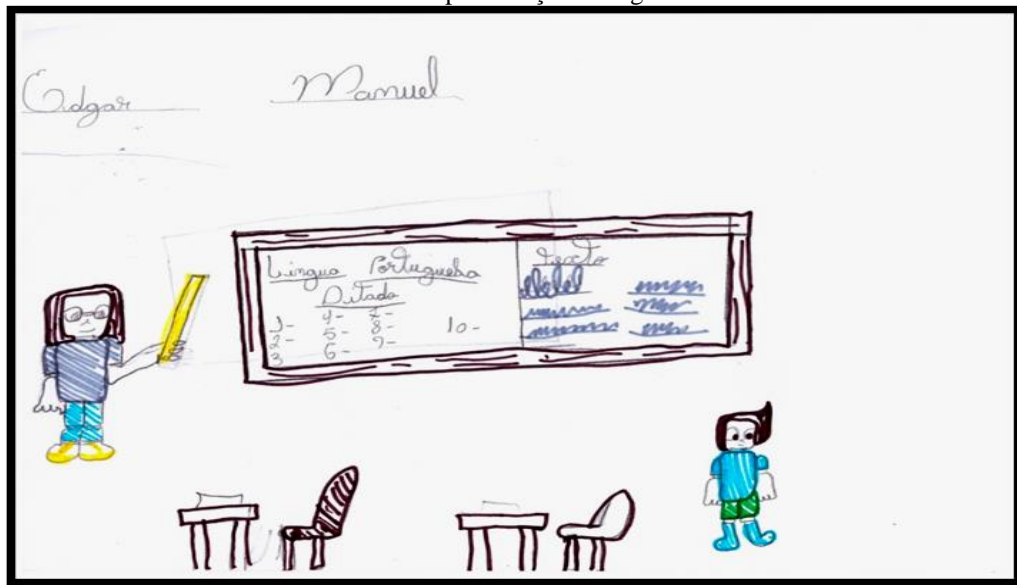
Outro signo que chamou bastante a atenção nos desenhos foi à representação de “régua” do mesmo modo considerada como um ícone por apresentar a lembrança do objeto como segue os desenhos abaixo.

Desenho – 4 Ilustração central



Fonte: Executado pelo aluno

Desenho – 5 Representação da régua



Fonte: Executado pelo aluno

Ao observar estes desenhos, é possível pontuar que a representação do signo “régua” retrata a autoridade da professora presente em sala. Porque a docente ocupa o lugar de figura central, a tutora que ensina e cuida do aluno.

Além disso, pode significar disciplina retratando o comportamento, postura e organização, ou até mesmo no momento da aprendizagem quando a professora utiliza a régua para fazer a explicação do conteúdo escrito presente no quadro.

Para Peirce (2003, p.167) “o signo carece do ato de professar algo, de fazer uma reivindicação, de representar a si mesmo como sendo isto e aquilo”.

Segundo Hanauer (2011 p.6) “o desenho pode ser considerado uma produção criadora que envolve uma gama de sentimentos e pensamentos reunindo elementos da experiência para formar novos saberes. Assim, a arte constitui conhecimento, envolve o pensamento, o sentimento e a formação intelectual.”

Para complementar a partir do desenho a relação de afeto existente entre professor/aluno no processo de ensino aprendizagem, utilizou-se como demonstração de afeto os desenhos que apresentam as características da professora, tendo como destaque os óculos da docente.

Estas características referentes à professora que foram observadas pelos alunos apresentam um significado de atenção e respeito, porque quando eles detalham a figura da docente, descrevem uma visão construída a partir das suas experiências pessoais. Ou seja, as representações da realidade, o que a professora veste, suas fisionomias, o ambiente entre

outros. Tudo isto demonstra o sentimento e a visão que os mesmos possuem pela professora.

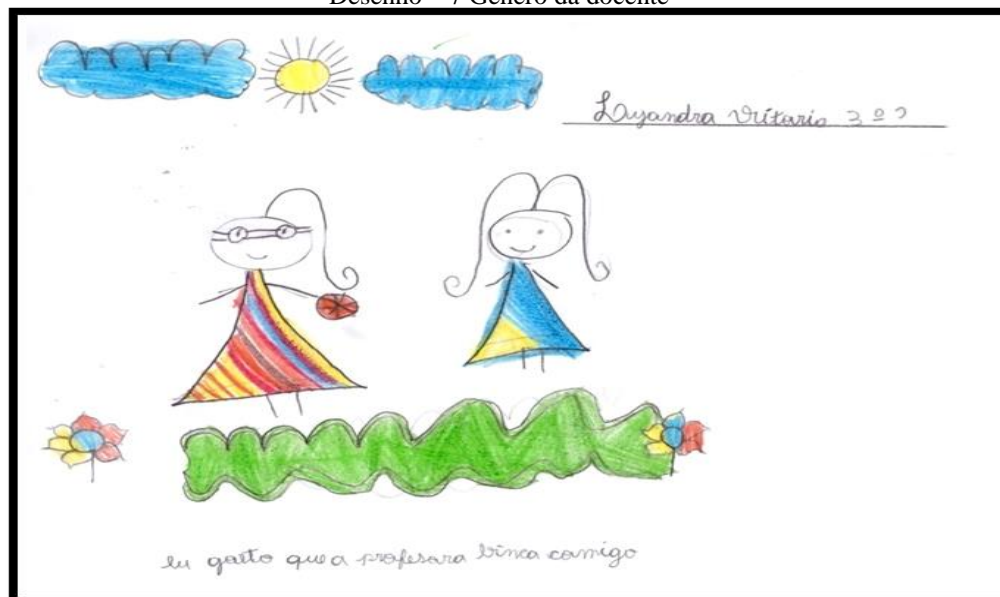
Inclusive, se os desenhos foram pintados com cores marcantes e alegres isto também demonstra o sentimento que apresentam pela professora. Como mostram as imagens abaixo.

Desenho – 6 Características da professora



Fonte: Executado pelo aluno

Desenho – 7 Gênero da docente



Fonte: Executado pelo aluno

A partir dos desenhos apresentados é possível fazer uma leitura descrevendo a visão que o aluno possui diante da sala de aula, do ensino que ele recebe, da sua relação no ambiente escolar e da professora presente em seu meio de convívio.

Toda expressão transmitida no papel deixa em evidente que os alunos possuem uma boa relação com a professora, as características apresentadas como os óculos, o cabelo liso, a

altura, o formato do corpo entre outros revelam a importância da presença da professora em sala, porque a docente apresenta uma imagem de exemplo que eles querem seguir, e cada detalhe é percebido pelos alunos porque eles prestam atenção no que é importante estando diante deles.

Até mesmo a imagem do coração da mesma forma representado como um ícone está presente no desenho caracterizando vida, carinho e o amor que sentem pela professora. Segundo Hanauer (2011 p.4) “Os traços deixados nas mais variadas superfícies são registros e como tais, expressam sentimentos e pensamentos”.

O autor pontua também que “o desenho infantil estabelece uma relação entre a criança e sua expressividade, que possui seu próprio estilo de representação gráfica bem como sua própria maneira de expressão” (HANAUER 2011, p.6).

Para adquirir resultados referentes aos desenhos utilizei como contribuição as observações feitas em salas de aula, colaborando para a categorização das imagens. Segundo Peirce (2003) a partir das observações somos levados à afirmação.

Assim podemos revelar que a partir dos desenhos, as crianças conseguiram transparecer com sinceridade em suas expressões a relação presente entre professor e aluno dentro de sala de aula no processo de ensino-aprendizagem.

Para apresentar mais subsídios referentes a este estudo a professora regente da 3º ano do ensino fundamental do mesmo modo colaborou participando da entrevista feita pela pesquisadora para a obtenção dos resultados desejados.

3.1.3 Questionário professora

A entrevista realizada com a professora regente do 3º ano do ensino fundamental ocorreu na instituição escolhida para o estudo. As perguntas também apresentaram respostas subjetivas em que a entrevistada foi convidada a retratar e opinar segundo suas experiências, seguido por um questionário com 8 (oito) perguntas abertas.

A professora regente tem a idade de 46 (quarenta e seis) anos, sexo feminino, e concluiu a licenciatura em Pedagogia nas Faculdades Magsul no ano de 2003. Seu tempo de docência é de 15 (quinze) anos. A profissional também possui especialização em Educação Especial.

A primeira questão foi sobre o conceito de afetividade considerando a relação professor/aluno. A professora apresentou como resposta o relato do que acontece em sala de

aula. Em sua resposta a docente conceitua afetividade como:

Uma troca de respeito entre aluno e professor, entre eles mesmos. Quando passam do limite faço uma conversa com o outro para ter entendimento, faço com que eles se identifiquem, respeitem a cultura um do outro sempre há cumprimento entre eles com abraço ou toque de mão. Tenho três alunos deficientes: uma com déficit de atenção, deficiente visual e outro com retardo na aprendizagem. E eles se respeitam e respeitam muito os colegas (informação verbal).

A partir desse relato, é possível observar que o respeito que acontece dentro de sala é considerado como um sentimento de afeto. Segundo Miyachi (2016, p.10) “a afetividade é um conjunto de fenômenos que se manifestam sob a forma de emoção, sentimentos, podendo ser acompanhados por diversas impressões”.

Vieira complementa que “a afetividade é um elemento fundamental nas relações interpessoais presentes na sala de aula, pois ela surge da interação entre alunos e professores. Ao interagir com as crianças [...] o aluno constrói valores e adquire novos conhecimentos a partir do que o outro sabe” (2004, p.9).

A questão seguinte tratou sobre quais seriam as atitudes que evidenciam a afetividade entre professor e aluno no momento da aprendizagem; e a professora respondeu que as atitudes surgem:

A partir dos abraços, quando os alunos me procuram para conversar, sobre assuntos de casa, ou alguma novidade que acontece em casa, desde o início das aulas, principalmente as meninas eu já recebo com abraços. Tratam-me com carinho, eu trato eles com carinho, eles se sentem seguros, não mostram medo de se aproximar, se apresentam alguma dúvida durante as atividades eles me perguntam, tem livre acesso para conversar comigo e não há receio (informação verbal).

Referente a esta resposta, podemos observar que os alunos apresentam conforto e liberdade em seu comportamento diante da professora em sala. Segundo Trevisol; Souza:

Evidencia-se o perfil de educadora comprometida com o desenvolvimento e crescimento de seus alunos, sua preocupação em conhecer seus alunos por meio de uma relação pautada no afeto. Considerando esses elementos, busca elaborar um plano de aula que contemple os conhecimentos prévios do aluno, mas também suas limitações, e isso fazem com que todos avancem, entretanto, respeitando cada um como singular, no seu ritmo (TREVISOL; SOUZA, 2015, p.36).

Miyachi complementa citando que “a relação entre aluno e professor com o tempo de convivência depositam nos professores seus diversos sentimentos: pode ser de respeito, admiração, ou até mesmo uma negação/aversão” (2016, p.15).

A professora foi questionada referente de como a afetividade contribui no momento de ensino-aprendizagem e segundo ela é a partir da:

Confiança que eles têm comigo, eles não têm receio de se aproximar e perguntar quando não estão entendendo a atividade. Até em conversas informais quando eles se aproximam eu escuto e converso com eles também. Sempre procuro dar atenção

para os assuntos deles. E por isso eles se sentem à vontade e tem liberdade para se aproximar. E tudo isso gera confiança quando eu ensino (informação verbal).

Diante disso, podemos analisar a confiança presente nos alunos referente à professora e também a boa interação, paciência, atenção que a professora apresenta para seus alunos. Verificou-se também concordância na resposta dos alunos quando questionados em relação à contribuição da professora no momento do ensino.

Wallon (1995) pontua que “o processo de ensino aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão dessas diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias” (apud SARMENTO, 2010, p.16).

Outro ponto evidente na contribuição é a conversa entre professor e aluno, em que Haydt (1995) para afirmar que a atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada para desencadear o diálogo, no qual o professor apresenta o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências, anteriores do aluno. Assim, ambos chegam a uma síntese que elucida, explica ou resolve a situação-problema que desencadeou a discussão (apud MULLER, 2002, p.278).

A outra questão tratou como as formas de interações afetivas desenvolvidas na sala de aula podem interferir no nível de motivação de uma criança, facilitando ou não sua aprendizagem. E sua resposta foi à seguinte: “De forma positiva! Porque as crianças te elogiam, e eles se sentem motivados e aprendem com mais facilidade, são carentes. Eu abraço, dou atenção e eles se sentem acolhidos e não apresentam medo” (informação verbal).

É possível perceber que as intenções da professora são boas e que as interações são constantes, e a partir de suas preocupações, ela acredita que o aluno precisa ser motivado e receber atenção para ter interesse em aprender e participar das aulas.

Brust (2009) deixa em consideração que o espaço da sala de aula deve ser um ambiente em que as crianças se sintam à vontade, pois, quando a criança sente que é bem tratada, respeitada e valorizada, ela se sente parte do meio e, dessa forma, a relação afetiva estabelecida no contexto escolar irá influenciar positivamente no desenvolvimento cognitivo da criança.

Perguntou-se também se a afetividade entre professor e aluno interfere na disciplina e organização de uma sala de aula? E a professora respondeu da seguinte forma:

Sim interfere! Exige muita paciência para eles sentarem e fazer silêncio. Às vezes eu tenho que me alterar, tenho que falar mais ríspida com eles e ameaçar que vou levar para a coordenação. Não é sempre que isso acontece! Tem dia que eles sentam e fazem silêncio (colaboram). Eles sabem que devem respeitar o limite do colega e se organizam (informação verbal).

De acordo com as observações feitas em sala pela pesquisadora, as relações de afetos interferem na disciplina e organização da turma porque às vezes a professora oferece muita liberdade e os alunos acabam abusando, o que resulta em bagunça e desorganização.

Freire (1996, p.59) reforça a tese ao dizer que não se pode, obviamente, permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor e no exercício de sua autoridade. Vieira; Lopez (2010) afirmam que a disciplina e a organização é uma consequência das percepções dos alunos a respeito da postura afetiva do educador que são construídas com base na proximidade física, na maneira de olhar dos professores e na atenção individual que aos alunos são dispensadas.

Contudo, de acordo com a professora, algumas vezes é necessário que ela seja ríspida e faça as ameaças de levá-los para a coordenação para ter controle da situação e possuir novamente a organização da sala de aula.

A outra pergunta questionou quando a conversa entre os alunos na aula. Segundo a professora:

Eu os deixo conversarem baixinho sem atrapalhar o colega que está estudando. Se passarem do limite eu interiro e mando parar de conversar. Às vezes e colaboram às vezes não, aí eu tenho que interferir. As meninas gostam muito de sentar em dupla para fazer as atividades, mas se ficam só brincando eu mando separar e sentar no lugar (informação verbal).

É possível observar a partir da resposta que há conversa sim entre ambos e a professora oferece liberdade e confiança para que os alunos se interajam e tenham uma aproximação maior um pelo outro. Também a profissional deixou claro que se os mesmos extrapolam e atrapalha o ensino do outro colega ela interfere e encerra as conversas paralelas para manter a organização da sala.

Perguntou-se também em que momento á conversa sua com os alunos. De acordo com ela, “No início da aula que eu dou um pouco mais de atenção e eles conversam comigo. Assuntos de casa, passeios, viagens, brinquedos, ou na hora do lanche” (informação verbal). Como um complemento da pergunta anterior, a questão reforça que o diálogo entre ambos é bem presente e que a professora dá atenção por certo tempo e ouve o que eles têm a dizer.

A última pergunta questionou a professora sobre como acontece esse diálogo entre ambos. Segundo ela, “o diálogo é bom! eles gostam de contar novidades. Todos querem

contar de uma vez só. Eu peço calma e ouço todos, um de cada vez. Dou atenção para o assunto deles e também contribuo com a conversa”.

De acordo com Almeida (2001, p.106) considera que enfatizar o diálogo como imprescindível na relação professor/aluno não significa, portanto, desconsiderar a diretividade necessária ao processo de ensino-aprendizagem. A relação professor/aluno, por sua natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento, com base no interesse e motivação do aluno presente na sala (apud SARMENTO, 2010, p.21).

Freire (1996, p.34) enfatiza que as características do professor que envolve afetivamente seus alunos asseguram que “o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”.

3.1.4 Observação em sala de aula

A observação foi realizada na sala do 3º ano do ensino fundamental. Durante a realização da mesma, algumas questões foram fundamentais para a compreensão das práticas pedagógicas adotadas pela professora que caracterizam a relação de afeto no momento da aprendizagem.

A relação da professora com os alunos é boa, porque estão presentes respeito, confiança, participação, interação e carinho entre os sujeitos. Todas as práticas de atividades são seguidas por um planejamento, há preocupação por parte da professora na questão da presença e participação nos exercícios; ela valoriza o conhecimento que cada aluno tem e se preocupa com a aprendizagem de todos. A sala de aula é organizada e os alunos ficam posicionados em filas, mas a professora cede quando as crianças pedem para sentar em dupla, desde que façam as atividades.

Os alunos estão sempre atentos ao que a professora escreve no quadro, são participativos; quando trabalham com ditados os mesmos se mostram à vontade para escrever no quadro, tiram dúvidas do conteúdo quando apresentam dificuldade, são curiosos e querem falar junto com a professora na hora da explicação do conteúdo. Os estudantes têm liberdade para se expressar e dar opinião. Há muita conversa informal entre a professora e os alunos que incluem assuntos de casa, brincadeiras, feriado, entre outros.

Outro fator que merece ressaltado é o respeito que há dentro de sala entre professor e aluno, com muita troca de carinho; os alunos gostam de abraçar e elogiar. No momento do lanche, fazem uma oração de agradecimento, saem da sala para buscar a merenda e voltam para terminar dentro da sala junto com os colegas.

É preciso considerar que no início das aulas, às 13h00 min., a partir do momento que o sinal soa para entrar na primeira aula, os alunos formam fila na frente da professora regente no pátio e ela os acompanha até a sala de aula. Todos os dias a professora escolhe um aluno para ficar na porta e cumprimentar o colega com um abraço ou toque de mão.

Esta prática é utilizada para que os alunos respeitem a cultura um do outro e também suas diferenças. Em sua sala, a docente atende três alunos especiais, sendo um deficiente visual, uma aluna com déficit de atenção e um com retardo na aprendizagem. Pode se dizer que há muita união e respeito entre todos da sala.

O que também foi observado são as contribuições que a relação de afeto oferece no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando a boa interação entre aluno e professor, a confiança e a desenvoltura para participar e tirar dúvidas, colocando em visibilidade a autonomia. Conforme Paulo Freire (1996), “enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser”. Tais fatores propiciam a liberdade do aluno se expressar e, deste modo, ele oferece em troca o respeito, carinho e paciência com a professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, compreende-se a grande importância de se pensar em afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Algumas referências teóricas foram fundamentais para obter uma compreensão maior do tema e para alcançar os resultados desejados para esta pesquisa.

Com a observação e as entrevistas foi possível responder aos objetivos específicos e concluir que a relação de afeto entre professor e aluno interfere, sim, na disciplina e organização da sala, porque a professora sem perceber oferece muita liberdade para o aluno, e tudo isto causa bagunça e falta de organização, sendo necessário que às vezes a docente seja um pouco ríspida para obter novamente a organização da sala.

No entanto, as práticas pedagógicas adotadas pela professora que caracterizam a relação de afeto na aprendizagem, de acordo com a observação, propiciam o empoderamento do aluno. Os ditados elaborados pela professora auxiliam na autonomia para o aluno ir ao quadro e completar o exercício, a conscientização trabalhando os temas da atualidade como o bullying fundamentado por sua prática pedagógica de cumprimentar o colega no início da aula e a aprendizagem compartilhada permitindo que o colega que tem conhecimento do conteúdo ajude o que tem dificuldade.

Paulo Freire (1996, p.17), sustenta que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Isto é o pensamento crítico pode incentivar o aluno a ter um conhecimento a mais sobre o assunto, demonstrando com base de sua compreensão e comportamento o respeito pela professora, organização, participação e liberdade de expressão.

A maior dificuldade encontrada nos estudos foi complementar os resultados da entrevista fazendo a análise e as leituras presentes nos desenhos para obter o resultado desejado. Vale ressaltar que no início da pesquisa o sentimento de derrota esteve presente pela perda de segurança e medo no primeiro contato em relação à professora e os alunos com o pensamento de não adquirir um vínculo junto à turma. Com o passar dos dias, a partir das observações e convivência em companhia dos alunos, foi possível entender que toda pesquisa e estudo estavam fazendo sentido e cada resultado se tornava importante para obter uma resposta.

Ao final da pesquisa um sentimento de tristeza fez-se presente em deixar a sala de aula, porque igualmente um relacionamento muito profundo com todos foi construído,

sobretudo o sentimento de alegria por finalizar a pesquisa estava próximo a partir dos conhecimentos incríveis e importantes adquiridos.

Com base nos desenhos elaborados pelos alunos, verifica-se o quão importante é a presença da professora no momento da aprendizagem porque a segurança e a paciência que ela transparece facilitam e contribuem bastante no desenvolvimento do discente.

Peirce (2003) menciona que a semiótica pode ser definida como todas as formas do homem se comunicar a partir de linguagens verbais e não verbais como os desenhos, corporais ou gestos, apresentando-se como uma ciência que ajuda a olharmos o mundo para compreendermos os fenômenos a nossa volta. E com isso podemos levar em consideração que as imagens trazem significados relevantes para determinados assuntos, com base da mesma os estudantes se comunicaram e apresentaram com clareza e sinceridade a relação de afeto presente entre professor e aluno.

Desde modo, foi possível responder à pergunta condutora do estudo “qual a contribuição de relação de afeto entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem?” na intenção de considerar o desenho e a entrevista como importantes para revelar que as contribuições de afeto vêm a partir da interação, respeito, carinho, liberdade de expressão e participação, o que complementa a hipótese inicial e reforça a construção e o desenvolvimento social, intelectual e cognitivo baseado em uma educação participativa autônoma, com a presença do pensar e agir, partindo de princípios éticos responsáveis e princípios políticos, contribuindo para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa para sua vida.

O relacionamento baseado na afetividade é, portanto, um relacionamento produtivo que auxilia professores e alunos na construção do conhecimento e torna a relação entre os dois menos conflitante, pois permite que ambos se conheçam, se entendam e se descubram como seres humanos e possam crescer (MÜLLER, 2002, p.276). Por conseguinte, pode ser afirmado que os resultados desta pesquisa foram alcançados e que a temática não foi esgotada, pois outras pesquisas podem continuar e aprofundar o estudo sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. L., YOSHIDA, S. P. F. **Professor: desafios da prática pedagógica na atualidade**. 2009. 20 p. Faculdades Integradas Mato Grossenses de Ciências Sociais e Humanas, Cuiabá, MT. Disponível em:
<<http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2009/11/03/outros/608f3503025bdeb70200a86b2b89185a.pdf>>Acesso em: 16 Jun. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de RETO. L. A. e PINHEIRO. A. 70. Ed. Presses Universidade de Frances, 1977. 299 p. Disponível em:
<<https://www.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>>Acesso em: 12 Abr. 2018.
- BOCK, A.M.B. et.al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. Saraiva, 13. Ed. 1999.
- BOSCARATO, R.A. **A importância da afetividade no ensino aprendizagem**. 2014. 25 p. Tese (Especialista)- pólo de Umuarama, (E.A.D.), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2014. Disponível em:
<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4478/1/MD_EDUMTE_2014_2_76.pdf>Acesso em: 07 Marc. 2018.
- BRUST, J. R. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009, p.40. Universidade Estadual de Londrina. Centro de educação, comunicação e artes. Londrina, 2009. Disponível em:
<<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>> Acesso em: 25 Jun. 2018.
- FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, coordenação de edição Marina Baird Ferreira**. 8. Ed. Curitiba, 2010. 960 p.
- FAZENDA, I. C. A.; **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001 272p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia; Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- HANAUER. F. **Riscos e rabiscos- o desenho na educação infantil**. Artigo: vol.6 – Nº 13- Janeiro – Julho 2011 Semestral. ISSN: 1809-6220. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai- IDEAU. Disponível em:
<http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_374.pdf. >Acesso em: 17 Nov.2018.
- HARTWIG. C. A. **A dimensão afetiva no processo de ensino aprendizagem: o olhar do acadêmico de direito**. 2012. Universidade do Vale do Itajaí – Itajaí (SC). Disponível em <<<http://siaibib01.univali.br/pdf/Carlos%20Alberto%20Hartwig.pdf>>> Acesso em: 06 Nov. 2018.
- <https://guia-mato-grosso-do-sul.escolasecreches.com.br/ensino-regular/ESCOLA-MUNICIPAL-MANOEL-MARTINS-ponta-pora-ponta-pora-mato-grosso-do-sul-i50028111.htm>. Acesso em: 05 Nov. 2018.
- LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LEPSCH, M. P.; **A importância da afetividade na relação ensino-aprendizagem**. Periódico Científico Projeção e Docência, v.6, n.1 19 p, 2015 Disponível em:
<<file:///C:/Users/novo/Downloads/488-1692-1-PB.pdf>> Acesso em: 23 Jun. 2018.

LEPSCH, M. P. **A relação entre afetividade e a prática escolar na promoção da acessibilidade nas instituições de educação superior**: análise de um projeto aplicado em uma instituição particular de Taguatinga/ DF. 2015, p.44. Universidade de Brasília-UNB, Instituto de Psicologia/SACADI/MEC.2015, Brasília-DF. Disponível em:
<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14671/1/2015_MarcelaPrataLepsch_tcc.pdf> Acesso em: 25 Jun. 2018.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, Coleção magistério. 2º grau, 1994.

LÜDKE, M; ANDRÉ, MARLI, E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENGER, E. M. C. **A afetividade nas práticas pedagógicas**. 2010. 38 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Ensino a distância: Licenciatura 2010. Três Cachoeiras. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37717/000821712.pdf?sequence=1>>

Acesso em: 07 Jun. 2018.

MIRANDA, D. B. **A relação de afeto professor-aluno na educação infantil como facilitador do aprendizado**. 2013, p.41. Universidade de Brasília- UNB. 2013 Brasília-DF. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6175/1/2013_DanieleBezerraDeMiranda.pdf> Acesso em: 25 Jun. 2018.

MIYACHI, P. A. **Relação entre afetividade e aprendizagem**: as contribuições da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na relação professor e aluno no ambiente escola (Ensino Fundamental). Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2016 Disponível em:<http://www.dfe.uem.br/TCC-2016/PATRICIA_AKEMY.pdf> Acesso em: 05. Nov.2018.

MÜLLER, L. S. **A interação professor-aluno no processo educativo**. 2002. 05 p. Bacharel em Filosofia pela USJT. 2000. Disponível em:

<[file:///C:/Users/novo/Downloads/276_31%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/novo/Downloads/276_31%20(1).pdf)> Acesso em: 12 Jun. 2018.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. 3 ed. – 1ª reimpressão. – São Paulo: Perspectiva, 2003.

QUIRINO, et. al. **A influência da afetividade no processo ensino-aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2016, p.141-152. Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM. Pergaminho (7). Disponível

em:<<http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/1504664/12->

[+A+influ%C3%Aancia+da+afetividade+no+processo+ensino-aprendizagem+nos+anos+iniciais.pdf](http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/1504664/12-+A+influ%C3%Aancia+da+afetividade+no+processo+ensino-aprendizagem+nos+anos+iniciais.pdf)> Acesso em: 25 Jun. 2018.

SARMENTO, N. R. G.; **Afetividade e Aprendizagem**. 2010. 34 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação- Licenciatura em Pedagogia-PEAD. Polo Gravataí. Porto Alegre. 2010. Disponível em:

<[file:///C:/Users/novo/Downloads/000880292%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/novo/Downloads/000880292%20(1).pdf)> Acesso em: 07 Jun. 2018.

SATO, C. A. **A afetividade no processo de ensino-aprendizagem**. Universidade de Brasília. 2013. Disponível em:

http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8054/1/2013_CristianeAkemiSato.pdf. Acesso em: 05. Nov. 2018.

SCHEUNEMANN, R.; CORDEIRO, A. F. M. **Práticas pedagógicas dos professores da sala de apoio pedagógico**. XI Congresso nacional de educação EDUCERE 12p. 2013, Paraná Curitiba. Anais... Paraná/ Pontifica Universidade Católica do Paraná, Junho de 2016. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7283_6205.pdf> Acesso em: 08. Junho. 2018.

SOARES, J.D. et al. SILVA. **Afetividade na relação professor/aluno no processo ensino-aprendizagem na 4ª série do ensino fundamental**. 2005. 69 p. Centro Universitário-UNICEUB. Faculdade de Ciências da Educação- Face curso de Pedagogia- Projeto Professor nota 10. 2005. Brasília. Disponível em: <[file:///C:/Users/novo/Downloads/40301632%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/novo/Downloads/40301632%20(1).pdf)> Acesso em: 16 de Jun. 2018.

TASSONI, E. C. M.; LEITE, S.A. **A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas**. Anais eletrônicos. ANPED, 33., GT20, Caxambu, MG. 2010. Disponível em <WWW.anped.org.br/33encontro/app/webroot/.../GT20-6865--Int.pdf> Acesso em 07 Out.2018.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e aprendizagem: Relação professor-aluno**. 2015. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/.pdf>. > Acesso em: 28 Jun. 2018.

TREVISOL, M.T.C; SOUZA, E. D. V. **A relação entre professor e aluno e a importância do afeto no processo de ensino aprendizagem**. Unoesc & Ciência- ACHS. Joaçaba. V.6 n.1, p.35-42. Jan./Jun. 2015. Disponível em:<<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/artide/download/6680/pdf>> Acesso em: 06. Nov. 2018.

VIEIRA, A.S.; LOPES, M.D. **A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais**. 2010. 55p. Tese (graduação em Pedagogia)- Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium- UNISALESIANO, Lins - São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/51909.pdf>> Acesso em: 02. Marc. 2018.

VIEIRA, Renata Marques de Souza. **Afetividade e Aprendizagem**. Artigo. Orientadora Prof.^a Mary Sue. Julho 2004. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/RENATA%20MARQUES%20DE%20SOUZA%20VIEIRA.pdf>> Acesso em: 05. Nov. 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA
(ALUNOS)****ESCOLA MUNICIPAL:****SÉRIE:****PERÍODO:****IDADE:****SEXO:**

1. O que você mais gosta na escola?
2. O que você menos gosta na escola?
3. Qual é a sua relação com a professora?
4. Como a professora contribui (ajuda) na hora em que você está aprendendo?
5. O que você mais gosta na sua professora?
6. O que você menos gosta na sua professora?
7. Como você demonstra o seu carinho pela professora?
8. Como a sua professora demonstra o carinho com você?

APÊNDICE**QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA
(PROFESSORA)**

NOME:

FORMAÇÃO:

TEMPO DE DOCÊNCIA:

ESPECIALIDADE:

IDADE:

SEXO:

1. Para você professora em que se define o conceito de afetividade?
2. Quais as **atitudes** que evidenciam a afetividade entre professor e aluno no momento da aprendizagem?
3. Como a afetividade contribui no momento do ensino-aprendizagem?
4. Em sua opinião, de que forma as **interações afetivas** desenvolvidas na sala de aula interferem no nível de motivação de uma criança facilitando sua aprendizagem?
Justifique
5. A afetividade entre professor e aluno interfere na disciplina e organização de uma sala de aula? Justifique
6. Quando á conversa entre os alunos em sua aula?
7. Quando á conversa sua com os alunos?
8. Como é esse diálogo?